



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Ciências da Educação



CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

SANDRA ASOLINI VIEIRA

**A HORA DO CONTO:
um momento de prazer**

FLORIANÓPOLIS
2010

SANDRA ASOLINI VIEIRA

**A HORA DO CONTO:
um momento de prazer**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação Em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Professora orientadora: Dr^a Clarice Fortkamp Caldin

FLORIANÓPOLIS
2010

Ficha catalográfica elaborada pela acadêmica Sandra Asolini Vieira do Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina.

V 658h Vieira, Sandra Asolini, 1975-
 A Hora do Conto: Um momento de prazer/ Sandra Asolini
 Vieira.
 Florianópolis, 2010

62 f;30cm

Orientadora: Clarice Fortkamp Caldin, Dra.
Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em
Biblioteconomia)- Universidade Federal de Santa Catarina,
Centro de Ciências da Educação.

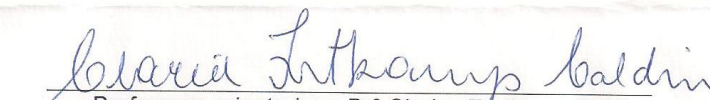
1. Hora do Conto, 2. Contação de histórias. 3. Incentivo à
leitura. 4 Bibliotecário.I.Título

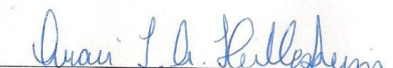
CDD 18 ed.-028


Sandra Asolini Vieira

A HORA DO CONTO: UM MOMENTO DE PRAZER

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Graduação
Em Biblioteconomia, do centro de Ciências
da Educação da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia, aprovada com Nota 8,3.


Professora orientadora: Dr^a Clarice Fortkamp Caldin
Universidade Federal de Santa Catarina


Araci Isaltina de Andrade Hillesheim
Membro da Banca Examinadora


Augiza Karla Boso
Membro da Banca Examinadora

Florianópolis, 03 de dezembro de 2010

Para minha filha Bruna, pois foi pensando nela que tive a inspiração para pesquisar sobre a Hora do Conto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre esteve do meu lado, me dando forças durante todo o curso, saúde e determinação para que eu pudesse vencer mais uma etapa da longa caminhada.

À minha mãe Mida, por ter me dado a vida, que em sua simplicidade soube dar bons exemplos de respeito e valor à vida; sempre guerreira para oferecer às filhas o melhor de si.

À Universidade Federal de Santa Catarina, pela oportunidade de estudar em uma universidade pública e de qualidade.

Agradeço em especial à professora Clarice Fortkamp Caldin, por ter aceitado me orientar em dois momentos: no estágio obrigatório e no TCC, contribuindo com sua experiência e competência de forma amiga para a realização desse trabalho. O verdadeiro mestre é aquele que transmite uma realidade, não foge aos objetivos, aponta novos horizontes e perspectivas. Você fez tudo isso e muito mais. Sinceros agradecimentos.

Ao meu esposo Carlos, por apoiar-me e aceitar as minhas ausências nesta trajetória e à minha filha Bruna, por sua alegria e contribuição nos ensaios de contação de histórias.

A todas as crianças que fizeram parte deste contexto, enriquecendo e ultrapassando as expectativas esperadas.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, por fazerem parte deste momento.



"O importante é motivar a criança para a leitura, para a aventura de ler." (ZIRALDO)

VIEIRA, Sandra Asolini. **A Hora do Conto**: um momento de prazer. 2010. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

RESUMO

A Hora do Conto vale-se da narração, leitura ou dramatização de histórias. Pode se transformar em um momento de prazer se permitir que o público-alvo adentre no imaginário e realize inferências. A Hora do Conto desenvolvida nas bibliotecas públicas e escolares se presta a utilizar o livro como um dos caminhos para explorar o imaginário e melhorar a cognição. O presente trabalho tem como objetivo principal relatar e analisar as atividades da Hora do Conto na comunidade de Biguaçu, desenvolvidas pela acadêmica, como uma atividade da Biblioteca Municipal Coronel Teixeira de Oliveira. Apresenta uma revisão de literatura a respeito da Hora do Conto: a importância de se criar um ambiente de descontração, como enriquecer essa Hora, como contar histórias para crianças, o papel do bibliotecário como contador de histórias, e a importância de se ouvir histórias. Apresenta também o surgimento da literatura infantil, os pioneiros da literatura infantil no Ocidente, a grande contribuição de Monteiro Lobato para a literatura infantil brasileira e alguns tipos de narrativas infantis. Configura-se como uma pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva. Registra doze atividades da hora do Conto, com as histórias: A casa Sonolenta, O patinho Feio, Dumbo, A Bela Adormecida, Rapunzel, O Gato de Botas, Branca de Neve e os Sete Anões, O Homem dos Mil Instrumentos e Mil e Uma Alegrias, Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau, Os três Porquinhos, O casamento de Emilia e Rabicó e a Galinha Ruiva. Conclui que a Hora do Conto instiga o imaginário, permite a liberdade de interpretação e desperta nas crianças o gosto pela leitura; que o bibliotecário deve explorar esse recurso lúdico como uma atividade a mais a ser desenvolvida na biblioteca.

Palavras-Chave: Hora do Conto. Contação de histórias, Incentivo à leitura. Bibliotecário.

VIEIRA, Sandra Asolini. The Story Hour: a moment of pleasure. 2010. 60 f. Final Graduation Paper-Library Science Course, Federal University Of Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ABSTRACT

The Story Hour is the story worth, reading or dramatization of stories. It can turn into a moment of pleasure if you let the audience step into the imagination and you make inferences. The Story Hour developed in public libraries and school lends itself to use the book as a way to explore the imagination and improve cognition. This paper aims to report and analyze the main activities in Story Time Biguaçu community, developed by the trainee, as an activity of the Municipal Library Coronel Teixeira de Oliveira. It presents a review of literature on the Story Hour: the importance of creating an environment of relaxation, how to enrich this time, as storytelling for children, the librarian's role as a storyteller, and the importance of listening to stories. It also presents the emergence of children's literature, the pioneers of children's literature in the West, the great contribution made by Lobato for Brazilian children's literature and some types of children's narratives. Set up as a literature review, exploratory and descriptive. It records twelve hours of activities of the Tale, with the stories: The house Drowsy, The The Little Ugly Duck, Dumbo, Sleeping Beauty, Rapunzel, Puss in Boots, Snow White and the Seven Dwarfs, The Man of a Thousand and One Thousand and One Instrument Cheers, Red Riding Hood and Big Bad Wolf, Three Little Pigs, and Emily's wedding and hen redhead rabies. It concludes that the Story Hour instigates the imagination, allows freedom of interpretation and arouses in children the love of reading, the librarian should explore this as a recreational activity to be further developed in the library.

Key Words: Story Hour. Storytelling. Reading incentive activities, Librarian.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Justificativa	11
1.2 Objetivos	13
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 Hora do Conto.....	14
2.1.1 Criando um ambiente de descontração para a Hora do Conto	15
2.1.2 Enriquecendo a Hora do Conto	17
2.1.3 Como contar histórias para crianças.....	18
2.1.4 O papel do bibliotecário na Hora do Conto	19
2.1.5 A importância de se ouvir histórias	20
2.2 A literatura infantil.....	24
2.2.1 Os pioneiros da literatura infantil.....	27
2.2.2 A contribuição de Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira	31
2.2.3 Tipos de narrativas.....	34
3 METODOLOGIA.....	39
4 RELATO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES.....	40
CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

A Hora do Conto é uma atividade que pode ser feita em lugares diferentes, tais como: escolas, hospitais, sala de aula, biblioteca, jardim de infância, e até mesmo em casa com a família. Todo ambiente é propício, basta adequar-se ao público-alvo e contar as histórias de preferência dos ouvintes. Uma história deve ser contada com emoção e não simplesmente apresentada em seu enredo. A Hora do Conto vale-se da narração, leitura ou dramatização de histórias. Quando é desenvolvida com entusiasmo e dedicação, pode se tornar interessante e atrativa para os seus ouvintes, pois permite que o público adentre no imaginário e realize inferências.

É um momento de prazer, que pode ser realizado por profissionais como professores e bibliotecários, ou por qualquer pessoa que goste de ler e tenha consciência que a leitura é uma das maiores fontes de conhecimento e de lazer. Entende-se por leitura também a narração e a dramatização, pois ambas se valem de um texto escrito.

A criança deve ser incentivada desde os primeiros anos de vida a gostar de ler e é em casa que isso deveria começar, mas grande parte dos pais trabalha fora de casa e não dispõe de tempo para contar histórias.

Assim, a Hora do Conto desenvolvida nas bibliotecas públicas e escolares se presta a utilizar o livro como um dos caminhos para explorar o imaginário e melhorar a cognição.

O livro é um suporte que compete com vários meios de comunicações como: a televisão, o vídeo game, o computador, que apresentam imagens prontas e não estimulam a criatividade das crianças. Os programas da televisão, que, em grande parte não contribuem para a formação cultural das crianças, têm poucas informações úteis, e os de humor e novelas têm boa dose de pornografia e apologia ao sexo. Ouve-se falar muito que “a televisão é formadora de mentes preguiçosas”. Isso ocorre porque recebendo texto e imagem, resta muito pouco espaço para elaboração mental. Com o livro esse contexto é bem diferente, ele possibilita uma ligação entre a literatura e a escrita. Cria outras dimensões, provoca o fascínio e o desejo pelo imaginário e pelo desconhecido, além de despertar um prazer diferente

que é a sensação de fazer parte da história. Muitas vezes tem-se a sensação de estar incorporando alguma personagem da história.

Os principais objetivos da Hora do Conto são: o incentivo à leitura, a descontração e o lazer, a fim de que as crianças desenvolvam a imaginação e a criatividade, pois, quem ouve histórias desenvolve capacidades como o entendimento e melhor compreensão do mundo. Pode-se concordar com Costa (2006), quando afirma que a leitura é um embarque numa viagem sem sair do lugar e sem fronteiras.

Meireles (1984, p. 145) lembra que: “[...] Visto não existirem mais avós nem avós que se interessem pela doce profissão de contar histórias. Restam, é verdade, as “horas do conto”, em algumas escolas [...]”

Assim, a biblioteca (seja a escolar, seja a pública) deve oferecer programas de incentivo à leitura para a comunidade e para as crianças; um desses momentos especiais é a Hora do Conto, pois é nesse momento que muitas delas irão ter o primeiro contato com os livros.

A presente pesquisa expõe alguns pontos relevantes sobre a importância da Hora do Conto no processo de desenvolvimento da criança mostrando as diversas formas que a Hora do Conto pode ser realizada. As histórias são fontes de prazer e conhecimento por isso, para ouvi-las não têm idade. Elas podem ser lidas, contadas ou ainda dramatizadas. De todas essas estratégias se vale a Hora do Conto.

1.1 Justificativa

A razão da escolha do tema é o conhecimento da necessidade existente da Hora do Conto em instituições como: bibliotecas creches, escolas, entre outras. A elaboração desta pesquisa se fez necessária, como parte de um desejo pessoal da autora, que durante o curso teve seu amadurecimento principalmente na disciplina de Biblioterapia, que serviu de inspiração para aumentar o conhecimento da acadêmica sobre a influência da Hora do Conto no desenvolvimento psicológico das crianças. Pois a acadêmica trabalha na biblioteca pública do município e tem conhecimento da necessidade que as instituições têm deste tipo de serviço e sabendo que as crianças atualmente têm pouco contato com a literatura implantou a Hora do Conto nas creches públicas do Município de Biguaçu. Há muitos fatores que contribuem para essa realidade, como o avanço dos meios de comunicação, tais

como: a televisão, o rádio e a Internet. Os meios de comunicação aparecem cada vez mais no dia a dia das crianças roubando-lhes muito tempo, que poderia ser destinado ao prazer da leitura e não somente a jogos de computador e vídeo-game. Com o aumento do uso dessas tecnologias, a prática de contar histórias está ficando de lado. Há ainda outros fatores que prejudicam o acesso das crianças com a leitura como: a falta de acesso à biblioteca seja pela distância, pois a biblioteca fica localizada no centro da cidade e muitas crianças moram longe ou pela falta de hábito ou ainda por desconhecimento dos seus serviços.

A biblioteca é a instituição que pode neutralizar as tendências dos veículos de comunicação de grande parte da população brasileira, pois não é apenas um local de guarda de livros; é, acima de tudo, um ambiente onde pessoas buscam informações e lazer.

Analisando o Manifesto sobre bibliotecas públicas pode-se observar que as bibliotecas devem dar uma atenção especial para as crianças, inserindo em sua programação a Hora do Conto, para divulgar a literatura infantil de forma lúdica e agradável, estimulando assim o gosto pela leitura. Percebe-se, então, a importância da biblioteca para a vida de uma comunidade. (UNESCO, 1994).

Cumprir lembrar que atualmente a sociedade está passando por grandes transformações, e vive de uma maneira muito diferente da que vivia no passado. Além dos problemas sociais como violência, drogas, miséria, doenças, entre outros, hoje as famílias estão cada vez mais sendo administradas por mulheres, que têm uma dupla jornada de trabalho, dentro e fora de casa para auxiliar ou manter a renda da família. Por esse motivo, vivem numa correria constante, tendo muitas vezes que deixar de lado as reuniões familiares e amigos, passando assim grande parte das famílias a viverem mais isoladas. Os momentos de contar histórias e descontração familiar estão perdendo espaço. Como consequência, pode-se notar o desinteresse das crianças pela leitura na biblioteca, aonde as crianças não vão por prazer, mas por obrigação para fazer os deveres pedidos pelos professores. A Hora do Conto propiciaria o resgate da tradição de contar histórias. Se a família não se vale desse mecanismo de enfrentamento da realidade pelo ludismo proporcionado pelas histórias, cabe à biblioteca desempenhar o papel de volta ao encantamento pelo ficcional.

1.2 Objetivos

Este trabalho demonstrará a importância da Hora do Conto e como ela pode trazer benefícios para o aprendizado e desenvolvimento das crianças, porque se sabe que o exercício da leitura é desenvolvido mais facilmente nos primeiros anos de vida. Tem como objetivo principal apresentar as experiências desenvolvidas a partir da Hora do Conto nas creches do município de Biguaçu.

Como objetivos específicos listam-se:

- a) aumentar o interesse e o gosto das crianças da comunidade pela leitura;
- b) proporcionar momentos de fruição do literário na Hora do Conto;
- c) estimular o trabalho com a oralidade por meio de textos literários infantis;
- d) apresentar o texto literário nas várias possibilidades que ele enseja: leitura, narração e dramatização;
- e) dar oportunidade para a criança ouvir e interpretar histórias; propiciar um ambiente que permita a criança viajar no mundo da fantasia.

Assim, a pretensão é demonstrar com esse trabalho a importância da Hora do Conto no imaginário e na cognição das crianças, pois se defende o exercício da leitura desde os primeiros anos de vida.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Apresentar-se-á uma revisão de literatura a respeito da Hora do Conto, que contemplará a importância de se criar um ambiente de descontração, como enriquecer essa Hora, como contar histórias para crianças, o papel do bibliotecário como contador de histórias, e a importância de se ouvir histórias. Apresentar-se-á também o surgimento da literatura infantil, os pioneiros da literatura infantil no Ocidente, a grande contribuição de Monteiro Lobato para a literatura infantil brasileira e alguns tipos de narrativas infantis.

2.1 Hora do Conto

O conto é um meio prático de se contar um fato. Ele deve ser breve, com uma linguagem coloquial para que o ouvinte possa entendê-lo com maior facilidade. O mesmo fato contado repetidas vezes sofre alterações, seja para melhor ou para pior. O conto “É a mais breve e simples forma de narrativa ficcional, em que o escritor economiza palavras e situações no foco da história central.” (COSTA, 2006, p.45).

O conto não tem compromisso com o evento real. Um relato pode ser copiado, mas um conto pode ser uma invenção, pois, “A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo.” (GOTLIB, 1988, p.12).

Quem nunca ouviu o velho ditado que diz: “quem conta um conto, aumenta um ponto”? Por quê? Sempre que contamos uma história, nos aperfeiçoamos e aumentamos o grau de envolvimento nas aventuras. Novos serão os ouvintes, atentos para mais um “*causo*”.

Os desbravadores, quando da conquista do novo mundo, mostravam, por meio dos contos, como eram essas novas terras conquistadas aos seus monarcas, instigando seu imaginário.

A história tem o poder de nos levar para o passado e o futuro em tempo recorde. Desde pequenos ouvimos algum tipo de histórias, sejam elas reais ou imaginárias. Ao escutar uma história pela primeira vez, o ouvinte infere determinado

significado; ao ser repetida varias vezes, o ouvinte vai descobrindo fatos novos, aumentando os horizontes da sua imaginação.

Conforme afirma Coelho (1987b, p. 49): “A grosso modo podemos dizer que no conto, a visão-de-mundo corresponde a um fragmento–de–vida, a um momento significativo” que “permite ao leitor intuir (ou entrever) o Todo do mundo ao qual aquele fragmento (ou momento) pertence.”

Contar histórias é uma atividade muito comum em várias culturas. Um momento mágico! É como muitos definem a Hora do Conto. Para o ouvinte de um conto, a imaginação o faz viajar para dentro da história.

A Hora do Conto é uma atividade de caráter lúdico e pedagógico que pode ser feita em salas de aula, no jardim de casa, em praças publicas, na biblioteca e em muitos outros lugares. É necessário somente que haja contador e ouvintes.

Segundo Carvalho (1985, p. 18), “O Conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral.”

Como, além de atingir a sensibilidade, atinge também a inteligência, tem-se incentivado a contação de historias em bibliotecas públicas, pois esse sistema de aprendizado acaba atraindo as crianças, haja vista que além do usufruto das historias contadas, também verão a importância desse mundo de saber concentrado na biblioteca pública.

Assim, considera-se a contação de histórias uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da criança e de entretenimento para os adultos.

2.1.1 Criando um ambiente de descontração para a Hora do Conto

Construir um ambiente propício para A Hora do Conto é essencial. O momento da historia deve ocorrer em um local aconchegante e acolhedor, boa iluminação, com estantes acessíveis, tapetes e almofadas para as crianças relaxarem, poderem viajar no imaginário e fantasiar seus personagens preferidos. Devem ser oferecidos para as crianças livros de vários autores para que elas conheçam estilos diferentes e possam escolher o que lhes agrada mais.

A Hora do Conto serve de estímulo à imaginação, pode proporcionar diversão e prazer; as crianças poderão usufruir deste momento prazeroso sem cobranças posteriores.

Quando acontece na sala de aula, é comum alguns professores cobrarem dos alunos o que entenderam da história. Muitos até exigem que se faça uma resenha do que foi apresentado. Alguns pedem para a criança repetir parte história para ver se realmente estava atenta a contação ou obrigam-na a desenhar o que entenderam, com a promessa e a ameaça de atribuição de nota. Essa certeza da cobrança posterior faz com que a criança fique um pouco desmotivada para ouvir histórias, porque ela não fica tranqüila sabendo que após a história terá uma tarefa para cumprir. Como alternativa, o professor poderia sugerir comentários informais sobre a leitura, pois cada criança vai lembrando-se de trechos à medida que outra vai comentando; com certeza cada história despertará assim maior interesse até entre as que apresentem maior dificuldade de concentração. Por meio da oralidade a criança aprende e torna-se leitor. Isso pode ocorrer mesmo antes de ser inserida oficialmente no mundo da leitura. Por isso, advoga-se a importância de criar um ambiente propício à Hora do Conto.

Mas as histórias podem ser contadas ou narradas por outros profissionais, como por exemplo, os bibliotecários. O importante é que o narrador de histórias goste do que faz e prenda a atenção do ouvinte para a história narrada. Lembra Bettelheim (1980, p. 13): “Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade.”

E Gotlib (1988, p.31) afirma: “Quando se conta uma história começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico.”

Dessa feita, o narrador usa gestualidade, inflexão da voz e permite um clima de liberdade onde tanto às emoções quanto a imaginação tenha espaço assegurado. Sua preocupação será: contar as histórias de maneira a encantar e seduzir o público.

2.1.2 Enriquecendo a Hora do Conto

A Hora do Conto não precisa ser feita sempre da maneira tradicional. O contador pode utilizar várias estratégias, outras formas, outros objetos para representar e dramatizar o conto.

Segundo Barcellos e Neves (1995), há muitos recursos para ser usados que poderão ajudar na hora de contar histórias. Dentre todos, os mais utilizados, segundo Barcellos e Neves (1995), são:

- a) A narrativa com livro;
- b) Flanelógrafo;
- c) Imanógrafo;
- d) Quadros de pregas;
- e) Quadro de Giz;
- f) Álbum seriado;
- g) Álbum sanfonado;
- h) Televisão de Caixa ou Cineminha;
- i) Teatro;
- j) Outros.

Cada recurso se presta a várias histórias, mas dependendo da faixa etária da criança, da disponibilidade do material ou da criatividade do contador, um recurso será mais utilizado do que outro.

2.1.3 Como contar histórias para crianças

Quando se lê uma história para criança, não se pode fazer isso pegando o primeiro livro que estiver na prateleira. A Literatura deve ser apresentada para as crianças com textos apropriados para satisfazer os desejos que existe dentro de cada uma, pois é na literatura que a criança tem a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer a sua experiência de vida.

É importante valer-se de técnicas apropriadas, como mostra Carvalho (1985, p. 18): “A história ou conto, com as devidas técnicas de adequação, é um centro de interesse e curiosidade inesgotáveis.”

E Meireles (1984, p. 145) lembra que: “Não é só a história que importa: é a maneira de contá-la. São as expressões fisionômicas, a voz, os trejeitos, as onomatopéias, toda a dramatização [...]”

Para crianças pequenas, deve-se dar preferência sempre às histórias contadas. De um modo geral, a história lida é menos interessante que a história contada. O contador deve gostar da história que irá contar, somente assim conseguirá passar um clima de envolvimento que, com certeza, o seu público irá apreciar. As crianças gostam de coisas fora do cotidiano e de visões da realidade delas, coisas impossíveis como: animais que falam, homens que voam, entre outras.

O narrador deve começar a história de um jeito que agrade os ouvintes, sem ter pressa para acabar e, quando terminar, deve ser de uma maneira que não deixe a desejar. Também não deve ficar explicando a história, pois isso estraga a mágica da descoberta. Com relação ao texto, não há necessidade de decorar. O narrador não precisa conhecer todos os detalhes, mas captar a mensagem contida na história. Deve apresentar os personagens respeitando a seqüência em que aparecem na história, saber o momento das pausas e respeitar o tempo de imaginação da criança, pois com o desenvolvimento da história ela irá visualizar os personagens como: monstros, dragões, reis, príncipe. Irá talvez, no seu imaginário, vestir as roupas das princesas, reis e rainhas e ainda se instalar dentro da história.

A duração da Hora do Conto deve ser verificada antes da contação, para que a história não fique muito curta e as crianças tenham a sensação que a história ainda não terminou, mas também não deve ser longa demais, pois assim as crianças acabam perdendo o interesse no meio da história. O narrador precisa

- a) Escolher a história adequada para o público;
- b) Conhecer bem cada etapa do conto e ser capaz de lembrar e expressar cada momento da história;
- c) Narrar com naturalidade;
- d) Tratar o público com carinho e respeito.

O tempo ideal para contar histórias é no máximo quinze minutos. Mas esse tempo poderá estender-se, segundo Coelho (2000), para brincadeiras complementares. Algo a ser observado é que, quando uma história agrada muito, as crianças costumam pedir que seja contada novamente. Esse pedido deverá ser atendido, pois indica que a história mexeu com sua psique (BETTELHEIM, 1980; CALDIN, 2010).

Assim, pode-se concluir que o narrador tem um papel fundamental na Hora do Conto.

2.1.4 O papel do bibliotecário na Hora do Conto

O profissional bibliotecário pode atuar em várias áreas no mercado de trabalho, inclusive podendo atuar naquilo que mais lhe dá prazer. Ele deve aceitar o desafio de aplicar o seu potencial dentro e fora da biblioteca. A biblioteca não é um local que serve apenas para pesquisas ou para armazenar livros, é um centro de aprendizagem, mas também de ludismo.

Segundo Caldin (2003), o bibliotecário que pretende disseminar a leitura infantil, primeiramente precisa gostar de ler e conhecer bem todo o acervo disponível para o público que pretende trabalhar.

Nem todos os bibliotecários gostam de ler. Tal se dá por vários motivos, entre eles a falta de incentivo à leitura na infância. Por isso mesmo, o bibliotecário que pretende disseminar práticas leitoras sabe quão importante é que desde pequena a criança tenha acesso à literatura seja ela lida, contada ou narrada. E é nesse momento que entra à Hora do Conto, proporcionando a elas o prazer de conhecer o mundo encantado das histórias.

O bibliotecário deve reunir as crianças e contar histórias adequadas abordando temas que as façam refletir para que elas aprendam viver melhor em sociedade. O bibliotecário é um “[...] profissional que tem contato com os leitores, conhece seus gostos, interesses e necessidades” (CALDIN, 2005, p.165). Por esse motivo, esse profissional está capacitado para atuar na formação de novos leitores. Este profissional pode, também, fazer trabalhos voluntários em instituições públicas ou privadas, com contação de histórias, mostrando todo o potencial que elas têm: desde produzir o encantamento como permitir a reflexão.

“O Bibliotecário [...] é o agente ideal para mediar literatura e criança, posto que, mais que um técnico, é um educador. Ao despertar o gosto pela leitura na criança, apura sua sensibilidade estética e contribui para a difusão da literatura infantil” (CALDIN, 2001, p. 126). Isso significa que, ao selecionar um texto para a Hora do Conto, o bibliotecário não fará uma leitura técnica, mas sim uma leitura poética, no intuito de despertar no ouvintes o gosto pelo literário.

A missão do profissional bibliotecário é expandir a informação correta para quem precisa, sem distinção, despertando assim a vontade de aprender dos que dela necessitam. Se, junto com a informação, ele despertar o gosto pela leitura, será ainda mais grandioso o seu trabalho.

O perfil do bibliotecário precisa ser o de agente integrador. Ele deve ter flexibilidade para atuar em situações diferenciadas. Deve ter sensibilidade e criatividade principalmente se for trabalhar com o público infantil. O bibliotecário tem papel fundamental perante a sociedade, ele é incentivador da leitura. Este incentivo pode ser feito por meio de livros ou programas como a Hora do Conto.

2.1.5 A importância de se ouvir histórias

Ler é um direito de todos. Pela leitura a criança desenvolve a imaginação e a facilidade de se relacionar com outras crianças. A socialização depende, entre outras coisas, das oportunidades de integração. Um bom momento para isso é sem dúvida a Hora do Conto, pois neste momento além de ouvir histórias, a criança terá a oportunidade de troca com outras crianças. Elas terão ainda a oportunidade de conhecer personagens bons e maus. Com isso poderão ver o bem e mal, e para as crianças essa é uma boa forma de percepção de mundo.

Quando lemos para uma criança, estamos inserindo-a no maravilhoso mundo da leitura, proporcionando informações ainda desconhecidas para ela, dando-lhe a oportunidade de conhecer o mundo novo. As crianças que executam o exercício da leitura desenvolvem a capacidade de ver o certo e o errado. Como afirma Caldin (2003, p. 57), “O domínio da capacidade de leitura gera maior mobilidade dos grupos humanos, aumento qualitativo da capacidade crítica e crescimento do seu potencial reivindicatório.”

Com os benefícios de saber ler e escrever, os cidadãos poderão ser capazes de lutar pelos seus outros direitos. Entre os direitos humanos está o direito ao lazer e o lúdico faz parte desse direito, principalmente para as crianças. Não existe idade para a criança iniciar o gosto pela leitura, mas quanto antes se começar a despertar esse gosto, melhor. As crianças ficam maravilhadas com o desenvolvimento da narrativa, porque sua capacidade de imaginar é intensa. Em sua vivência a criança passa por vários estágios de desenvolvimento. Esses períodos não dependem exclusivamente de sua idade.

De acordo com Coelho (2000), contam seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo intelectual, seu nível de conhecimento e o domínio do mecanismo da leitura. Sendo assim, é necessária a adequação dos livros às diversas etapas pelas quais a criança passará.

Segundo Coelho (2000), existem seis categorias que norteiam as fases do desenvolvimento psicológico da criança que são: o pré-leitor: a primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos), e a segunda infância (a partir dos 2/3 anos); o leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos); o leitor em processo (a partir dos 8/9 anos); o leitor fluente (a partir dos 10/11 anos) e o leitor crítico (a partir dos 12/13 anos).

Explicitando o pensamento de Coelho (2000):

a) O Pré-leitor na Primeira infância: nessa fase a criança inicia o reconhecimento das coisas pelo tato e contatos afetivos; usa muito as mãos e pega tudo o que vê na sua frente. Nessa fase a atuação do adulto é muito importante auxiliando a criança nas brincadeiras com desenhos e brinquedos dando-lhes os nomes para o conhecimento da criança. Para aquelas que ainda não passaram pelo processo de alfabetização utiliza-se como recurso a Hora do Conto.

A respeito do Pré-leitor na Segunda infância: nessa fase a criança passa a se perceber e quer ser o centro das atenções, tem muito interesse pela comunicação verbal. Amplia a descoberta do mundo concreto e o mundo da linguagem através das brincadeiras. Nesse período o adulto exerce papel fundamental no que diz respeito ao auxílio na descoberta de coisas novas, porque tudo o que acontece ao redor da criança é para ela muito importante. Os livros adequados para essa fase devem conter cenas do cotidiano familiar da criança, com predomínio absoluto da imagem como: gravuras, ilustrações e desenhos. Pode ser sem texto escrito, ou textos curtos para que possam ser lidos ou dramatizados pelo adulto, para dar um sentido maior para a criança entre o mundo real e as palavras que nomeiam esse real. O conhecimento dos nomes das coisas leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade que a cerca. As imagens devem conter algum fato ou acontecimento que tenha significado para a criança. A técnica de repetição é bem apropriada para essa idade, pois ajuda manter a atenção e o interesse na história.

b) Leitor iniciante: nessa fase a criança já reconhece com facilidade as letras e a formação das sílabas. A presença do adulto, como incentivador, faz-se ainda necessária para ajudar a criança a se encontrar no universo que está no livro e para estimulá-la a decodificar os signos gráficos. O adulto deve dar-lhe incentivo como: aplauso ou estímulo carinhoso para cada conquista por menor que seja. Quanto ao livro: a imagem deve ainda predominar sobre o texto, a narrativa deve ser simples, mas deve conter início, meio e fim, porque o pensamento lógico da criança exige coerência. As personagens podem ser reais (humanos) ou simbólicos (bichos, plantas ou objetos), mas com comportamento bem definido, como: bons, maus, fortes e fracos, belos e feios. Os textos devem ter frases curtas, com argumentos que estimulem a imaginação e as emoções. Nessa fase, a criança sente atração pelas histórias que contenham humor, em que a astúcia do fraco vence o forte.

c) O leitor - em- processo: nessa fase a criança já domina o processo da leitura, domina as operações mentais e possui pensamento lógico. Nessa fase as crianças têm atração pelos desafios. O adulto deve agir como agente estimulador da leitura, e proporcionar atividades pós- leitura. A narrativa deve girar em torno de apenas um problema, que deverá ser resolvido até o final da história. Nessa idade

ainda gostam de situações inesperadas ou satíricas, do realismo e do imaginário. Nessa fase as crianças começam a aprender sobre as coisas que estão à sua volta. Sua convivência diária com os objetos e acontecimentos do dia a dia fazem com que elas passem a ser mais seguras, tornando-as menos dependentes dos adultos para o processo de leitura.

d) O leitor Fluente: Nessa fase há um domínio da leitura e da compreensão do universo expresso no livro. A capacidade de concentração aumenta; isso permite ao leitor um aprofundamento da percepção do mundo. A partir dessa fase começa a ter pensamentos dedutivos, compara idéias e valores. Nessa fase a criança já é um pré-adolescente e a presença do adulto já não é mais necessária, pois não quer mais ajuda do adulto e se sente segura de si, embora ainda mostre interesse ludo-afetivo e goste de participar em equipes. O papel do adulto deve demonstrar confiança na capacidade de aprendizado da criança, apresentando textos instigantes. O texto começa a ter valor por si, mas uma ou outra ilustração adequada ainda é atrativa. As personagens que mais chamam atenção são os “heróis” ou “heroínas” com formas humanas, que lutam por um ideal justo e humanitário. Os gêneros narrativos que mais interessam são os contos, as crônicas ou novelas, de aventuras ou sentimental, que envolvam grandes desafios para ser solucionados.

e) O leitor Crítico: Nessa fase ele domina totalmente a leitura e a escrita, reflete sobre o que lê, consegue adentrar no texto com mais profundidade e vê o texto com pensamento crítico. Não se deixa levar por qualquer opinião apresentada no texto, procurando através de outras obras formarem uma opinião própria sobre o assunto explanado. Nesse período o leitor já tem sua opinião formada sobre os assuntos literários e dispensa ajuda de adultos para escolher e discutir temas dos livros.

Assim, do pré-leitor ao leitor crítico, a literatura exerce fascínio e não deve faltar na sua bagagem de leitura.

2.2 A literatura infantil

De modo geral acredita-se que literatura infantil é tudo o que existe escrito para crianças. Mas Meirelles (1984, p.20) esclarece que:

Tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer.

Assim, literatura infantil é aquele texto que interessa e agrada à criança.

Pode-se dizer que a literatura infantil apresenta uma estrutura menos complexa do que a literatura para adultos, “pois utiliza a narrativa estrutura linear, tempo cronológico e personagens planos.” (CALDIN, 2001, p.11).

A literatura para crianças deve ser menos densa e mais agradável que desperte nelas a imaginação, que as façam viajar para fora do mundo real e adentrar no mundo ficcional.

Segundo Coelho (2000, p. 27), a “Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.”

A literatura é a representação daquilo que a sociedade está vivenciando naquele período, seus gostos, seus ideais, e seu comportamento diante dos fatos cotidianos. Ela revela as ambições e as aspirações dos homens de sua época, é através dela conhecemos a história de um povo.

Os autores divergem sobre quando e onde teve início a literatura infantil, mas concordam que ela anda junto com a sociedade; não se sabe ao certo onde ela nasceu, mas “se examinarmos o sistemas educacionais dos povos e os entrelaçarmos ao desenvolvimento da psicologia e da pedagogia infantil chegaremos, indubitavelmente, à origem da literatura infantil.” (SALEM, 1970, p. 19).

É consenso, entretanto, que a literatura infantil tem sua origem na oralidade, nas fábulas e nos contos de fadas com o objetivo de educar as crianças. “Foi somente no final do século XVII que a literatura infantil tomou seu verdadeiro impulso, pois antes nada existia, exceto dois ou três livros didáticos [...]” (Gillig, 1997, p.31).

Sandroni (1987, p. 20) concorda com essa afirmação, pois diz que: “A existência de uma literatura infantil específica e conscientemente destinada a crianças é recente, fim do século XVII.”

Nas épocas mais remotas não havia a preocupação em agradar as crianças, elas tinham que ler o que os adultos ofereciam e eram obrigadas a aprender mesmo que fosse à força; ensinavam-lhe trechos dos livros clássicos e as forçavam as crianças a memorizarem. Esses livros eram de autores sisudos e sentenciosos e mais indicados para adultos. Mas eram utilizados para ensinar as boas maneiras e os costumes impostos pela sociedade Coelho (2000), diz que a criança era vista como um adulto em miniatura.

A criança imitava os pais em tudo no trabalho, nos costumes, e até na maneira de se vestir, como mostra Salem (1970, p. 21): “Vestiam-na como aos adultos: com cabeleira empoadada, vestidos até o chão e saltos, se meninas, calção até o joelho, chapéu tricórnio, se menino.”

Segundo Lajolo e Zilberman (1984), com a revolução Industrial no século XVIII, ocorreu também à decadência do feudalismo. Com esse fato ficaram mais evidentes as diferenças sociais entre as classes; do lado de fora o proletariado, pessoas que viviam no campo, sendo que muitos vieram para a cidade onde trabalhavam para os burgueses. Na parte central urbana ficava a burguesia, que explorava as riquezas minerais das colônias e o comércio marítimo; sendo assim “a burguesia se consolida como classe social, apoiada num patrimônio que não mais se mede em hectares, mas em cifrões” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p.16).

Com essas transformações na sociedade as famílias também sofreram modificações como a divisão do trabalho entre os membros da família. Essa estrutura era patriarcal, cabendo ao pai o sustento da família. Neste período da história começa-se a preservação da infância.

“Em decorrência do ideal da igualdade proclamado pela burguesia, cria-se um espaço de escola democrática. Contudo, a educação oferecida direciona-se à classe mais favorecida” (CALDIN, 2003, p.53).

Com esse advento começa a surgir um novo modelo de sociedade onde as crianças passam a ser mais valorizadas.

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária "(LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p.17).

Com a invenção da Imprensa por Gutenberg, no século XVIII, o livro ganhou várias formas e propósitos, sempre com o objetivo de tornar a leitura mais atraente e sedutora. Com o uso da impressão, a escrita ganhou destaque e a preferência nos círculos das pessoas letradas, deixando a predominância da oralidade para os camponeses, artesões e trabalhadores analfabetos e de baixa renda. Essa era a tendência da época, mas isso não conseguiu separar os mundos da palavra e da escrita. "Como se sabe, as cortes européias valorizavam as grandes bibliotecas, mas também muito apreciavam as histórias contadas, a apresentação de peças de teatro e a originalidade das canções poéticas apresentadas pelos trovadores" (EL FAR, 2006, p.27).

Com o aumento da população o processo de desenvolvimento torna-se acelerado e o povo torna-se consumidor de bens de consumo, e passa a ter mais acesso aos livros como mercadoria, pois gera capital financeiro para quem os publica.

"Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria" (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984 p.18).

Com o desenvolvimento da literatura no século XIX, surgem então mais estudos sobre as crianças e despontam escritores e obras infantis. Nesse período a criança passa a ser considerada diferente do adulto, sendo educada de acordo com a sua capacidade mental. Essa era uma tendência do século XIX.

Assim, pode-se dizer que a literatura infantil nasce com a burguesia e com a descoberta da infância, sendo disseminada oralmente, mas principalmente pela escrita, após a invenção da imprensa. Um longo caminho foi percorrido desde então.

Para concluir esse tópico, pode-se dizer que as obras que agradam os leitores infantis são as otimistas, que costumam revelar o gosto pela vida, a alegria e o humor. Este tipo de obra faz a imaginação da criança fluir e ela sente prazer em ler. As crianças pequenas não entendem os desenhos das palavras, pois para elas são riscos e não significam nada. Sendo assim as gravuras, fotografias, desenhos,

recortes entre outros, são sinalizações que as crianças traduzem com facilidade e ajudam na compreensão.

Assim, para as crianças pequenas, nos livros devem prevalecer a ilustração, com texto pequeno como já disse Coelho (2000). Para esse público os livros costumam ser grandes maiores que o normal, ter uma personagem principal (que pode ser um animal ou uma criança) com figuras bem grandes e bonitas que as crianças sintam vontade de tocá-los.

À medida que a criança evolui na leitura, as ilustrações vão diminuindo e o texto sendo ampliado, o formato do livro e as letras também diminui seu tamanho, pois, como lembra Cunha (1989, p. 75): “O excesso de ilustrações para crianças que já dominam a leitura é sinal do quanto subestimamos a criança, não a considerando capaz de qualquer esforço intelectual.”

Percebe-se hoje que a criança é um sujeito social, faz parte de uma família, com vontades e medos. Esse sujeito social (criança) é um consumidor; sendo assim a indústria literária também busca alcançar esse público para a venda de suas obras. A consciência de que a criança não é um adulto em miniatura, mas um ser com interesses próprios alavancou a literatura infantil.

2.2.1 Os pioneiros da literatura infantil

Da Pérsia antiga, têm-se histórias das Mil e Uma Noites, que são uma coleção de contos vindos do oriente. Eram contos que nunca tinham final. Esses contos eram contados ao rei todas as noites pela princesa Sherazade. Segundo Bettelheim (1980), o rei Shariar é advertido por seu irmão da traição de sua esposa. O rei ferido em seu orgulho e corroído pelo ódio perdeu a fé na humanidade e decide que jamais outra mulher iria conseguir traí-lo; assim sendo, buscaria nelas somente prazeres. Assim ele dorme todas as noites com uma virgem e na manhã seguinte, manda matá-la. Isso ocorreu por muito tempo, até que não restavam mais virgens no reino, exceto Sherazade, a filha do vizir (primeiro ministro) do rei, mas ele não quer sacrificar a filha. Mas ela insiste que será a libertação do rei. Sherazade, sabendo que o rei gostava de histórias, após a noite de núpcias, começa a contar histórias para o rei dormir. Ele adormecia e o final da história sempre ficava para o outro dia. Assim, Sherazade, com sua astúcia, ia se mantendo viva. Quando o rei

percebeu já havia se passado mil e uma noites, estava apaixonado por Sherazade, declarando seu amor. Sendo correspondido em seu amor, fica curado do ódio que sentia pelas mulheres, vivendo felizes para sempre em seu castelo.

Quando sheherazade conta estórias ao rei aguça-lhe a curiosidade. Ele quer continuar a estória na noite seguinte. O conto, enquanto *vida* acaba também *encantando* o rei Sheherazade, contando estórias, vai adiando a morte e prolongando a vida” (GOTLIB, 1988, p.07, grifo da autora).

No ocidente, as obras infantis tiveram início com Esopo e continuaram com renomados e conhecidos autores, entre eles: Charles Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, Jean de La Fontaine e Charles Dickens.

a) Esopo: Fabulista grego viveu entre os séculos VII e VI a.C. Para Cardoso (1991), Esopo era uma figura meio lendária, de aspecto feio, gago e corcunda. De início foi escravo, quando realizou várias viagens, que lhe deram conhecimento e sabedoria superiores aos companheiros. Possuía profunda compreensão da humanidade e de todas as suas fraquezas. As fábulas são histórias com animais, vindas da Grécia no século VI a.C: O leão e o Rato, A lebre e a Tartaruga, a Raposa e as Uvas. Esse filósofo Grego personificava os animais dando-lhes qualidades morais do ser humano, ou seja, a luta do bem contra o mal. Adaptou ao comportamento dos animais aquilo que observava, certo de que seria mais fácil as pessoas aceitarem e entenderem a verdade dos julgamentos. Mais tarde tendo sido libertado, viajou para a ilha de Delfos, mas fez algumas considerações sobre a realidade encontrada no local, isso foi mal interpretado e despertou a cólera dos habitantes da ilha, que o atiraram do alto de um rochedo, provocando sua morte. “Mais tarde, foram recolhidas e registradas quase seiscentas fábulas a ele atribuídas, difundidas pela tradição oral. A coleção atual das Fábulas de Esopo, redigida em prosa grega, é atribuída ao monge Máximo Planúdio, do século XVI” (CARDOSO, 1991, p.17).

b) Jean de La Fontaine (1621- 1695) “século XVII, poeta francês, nasceu em Chateau Thierry. Seus contos surgiram entre 1665 e 1674, ignoram muito freqüentemente o aspecto moral, mas o estilo é aprimorado. Suas fábulas, publicadas em 1668, 1678, 1694, tornaram-no famoso” (CARDOSO, 1991, p.20). Ele

interpretou com originalidade e realizou verdadeiras criações. Nenhum autor conseguiu a graça, a simplicidade, a ingenuidade na sua obra como La Fontaine.

c) Charles Perrault (1628-1703), escritor francês do século XVIII, coletou e escreveu obras como: A Bela Adormecida, O gato de Botas, Cinderela, Barba Azul, O Pequeno Polegar e o seu mais famoso conto Chapeuzinho Vermelho. Os primeiros contos de Charles Perrault foram registrados em 1697, e se chamavam Contos da Mãe Gansa. “Perrault os apresenta como sendo contados por seu filho, que os ouviu contar por uma velha ama” (GOTLIB, 1988, P.19).

Os contos de Perrault, já encantaram crianças e adultos do mundo inteiro e continuam encantando, seus contos têm uma magia que fascina as crianças, esses contos continuam sempre modernos.

d) Os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), conhecidos como os irmãos Grimm, nasceram na Alemanha no século XVIII. Seus contos foram registrados “[...] em 1812, na sua coletânea Kinde -Und Hausmärchen (contos para crianças e famílias), obra fundamental para a verificação destas “formas simples” do conto “(GOTLIB, 1988, p.19, grifo da autora).

Os irmãos Grimm passaram grande parte de sua vida pesquisando entre o povo retirando as informações mais relevantes e depois reescreviam dando seu toque pessoal. Foram pesquisadores que no ano de 1800, viajaram por toda a Alemanha conversando com o povo, levantando suas lendas e sua linguagem e recolhendo um farto material oral que transcreviam à noite. Não pretendiam escrever para crianças, tanto que seu primeiro livro não era destinado a elas. “Só em 1815 Wilhelm mostrou alguma preocupação de estilo, usando seu material fantástico de forma sensível e conservando a ingenuidade popular, a fantasia e o poético ao escrevê-lo.” (ABRAMOVICH, 1997, p.123).

Entre os seus contos, os mais famosos são: Branca de Neve e os Sete Anões; O pássaro de Ouro; Mata Sete; Florinda e Floringel; Hansel e Gretel ; João e Maria; O Rei e o Corvo, A touca Mágica ; O Burinho Sábio; O Valente Alfaiatezinho; Coisas do Arco da Velha ; O gigante de Cabelos de Ouro e O Violino Mágico.

e) Hans Christian Andersen (1805-1875) nasceu na Dinamarca, e escreveu 156 contos para crianças sendo que o primeiro foi registrado em 1835.

(ABRAMOVICH, 1997). Andersen contribuiu muito para a literatura com seus clássicos como: o Patinho Feio, O Soldadinho de Chumbo, A roupa do Imperador, A Sereiazinha. Andersen ficou famoso pela fertilidade de imaginação, apesar de ter escrito numa língua pouquíssimo conhecida, o dinamarquês, e segundo Cardoso (1991), tornou-se um dos escritores mais lidos no mundo. Seu pai era um sapateiro pobre e doente. Ainda na infância, manifestou vocação para o teatro e como vestia seus fantoches e figurinhas, os pais concluíram que seria alfaiate. Enfrentou momentos difíceis em sua trajetória, mas mais tarde suas obras foram traduzidas para todas as línguas vivas.

f) Charles John Huffom Dickens (1812-1870) nasceu na Inglaterra, no início do Século XIX, é autor de obras clássicas como: A Christmas Carol e David Copperfield. Sua família tinha algumas posses, por isso ele frequentou uma escola particular durante três anos. Mas seu pai foi preso por conta de algumas dívidas. Com dez anos de idade, a família mudou-se para o bairro popular e com doze anos, Dickens já tinha a idade considerada necessária para trabalhar na empresa Warren's onde se produzia graxa para os sapatos. O seu trabalho consistia em colar rótulos nos frascos de graxa, com o dinheiro sustentava a família. Alguns anos depois, a situação financeira da família melhorou graças a uma herança recebida pelo seu pai. Mas a mãe não o retirou logo da fábrica, que pertencia a um amigo. Dickens jamais perdoaria a mãe por essa injustiça. O tema das más condições de trabalho da classe operária inglesa tornar-se-ia um dos mais recorrentes da sua obra. (FERNANDES, 2002).

Nenhum desses escritores era brasileiro. El FAR (2006) comenta como era o Brasil no início do século XX. Segundo a autora, os escritores de grande importância da época se queixavam constantemente porque tinham dificuldades para conseguir vender a primeira edição de suas obras, que quase ninguém comprava. O escritor “[...] Olavo Bilac (1865-1918), deixava bem clara sua opinião: o Brasil não lia, pela razão única e terrível de não saber ler.” (El FAR, 2006, p.8).

Os livros infantis, na sua maioria, eram importados da Europa. Esse cenário mudou com Monteiro Lobato e seu engajamento com a literatura infantil.

2.2.2 A Contribuição de Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira

É com esse autor que se rompe o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica.

Em 1921, Monteiro Lobato escreveu *Reinações de Narizinho*, sendo o título posteriormente mudado para *Narizinho Arrebitado*. Seu último livro tem data de 1944, com o título: *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Lobato fez na sua vida de tudo um pouco Lobato foi “[...] advogado, escritor, editor e contista, além de ter fundado a Companhia Editora Nacional e a editora Brasiliense” (ABRAMOVICH, 1995, p.61).

Monteiro Lobato era neto do Visconde de Tremembé e quando seu avô faleceu em 1911, ele herdou sua fazenda de nome Buquira. Ele se muda então para a fazenda e tenta por em prática suas idéias sobre técnicas modernas de produção agrícola. Mas se decepcionou, o homem do campo era ignorante para entender as inovações e nada parecido com o homem da literatura. Sendo assim, ele não consegue êxito como fazendeiro e volta para a cidade de São Paulo como diretor de *Revista do Brasil*. Pouco tempo depois se torna proprietário. Ele então publica a obra *Urupês*, um livro de contos, essa obra o coloca entre os grandes escritores brasileiros. Apostando nesse sucesso se torna editor de outros autores brasileiros nas áreas da ficção, história e ciências sociais. Pelas suas idéias inovadoras, acaba preso.

No governo de Getúlio Vargas em 1941, ao ver se em liberdade não desiste de suas idéias e publica vários livros infantis. Lobato nesse período fica decepcionado com os adultos, e acredita que somente as crianças poderão modificar o mundo. Sendo assim, ele passa a colocar em suas obras temas complexos, que até então não eram apropriados à infância, como as guerras, ciência, petróleo e política. Todos esses problemas são colocados de maneira simples e até didática para melhor compreensão do leitor infantil.

Monteiro Lobato criou o encantado Sítio do Pica Pau Amarelo que é sua maior obra, com uma visão de um Brasil onde a paz, a sabedoria e a liberdade estão sempre presentes. O Sítio é um lugar cada um é livre para expressar sua opinião. Suas personagens viveram as mais diversas aventuras, e com papéis bem definidos como veremos a seguir:

Dona Benta é a proprietária do Sítio, tem mais de sessenta anos e é a mais feliz das avós. Tia Nastácia é uma afro-descendente, cozinheira que faz tudo na casa. No Sítio tem ainda um leitão guloso que se chama Rabicó, Pedrinho que é neto de Dona Benta, um Visconde de Sabugo bem respeitável, o burro falante, e Quindim, um Rinoceronte. Tem-se ainda uma boneca inteligente e sagaz chamada Emilia que se destacava entre os outros personagens, que não tinha papas na língua, e era através dela que Monteiro Lobato podia dizer o que pensava sem ser punido. Encontramos na protagonista principal, a boneca Emília, algumas dessas características, descritas por Abramovich:

Emília, a boneca falante do Sítio do Pica pau Amarelo, é a magistral e incomparável criação de Monteiro Lobato. Irreverente, crítica, debochada... Capaz de encontrar uma explicação da maior lógica para qualquer coisa que inventa... Descaradíssima bota a língua pra fora para qualquer um que resolva afrontar, responde sem hesitação, sem se importar com cargo ou posição. Apronta e faz arzinho de santa. Espertíssima, sempre já previu todas as reações/dificuldades/próximos passos e toma providências para que tudo aconteça do jeito que imaginou e que quer! (ABRAMOVICH, 1997, p.62).

Desde que Monteiro Lobato criou a personagem Emilia, o Brasil não foi mais o mesmo. Lobato através de Emilia denuncia os absurdos do mundo civilizado e ri dos sábios e poderosos. Por ser uma personagem ela pode dizer o que pensa sem nenhum tipo de punição. Muitas pessoas se inspiravam nesta personagem, pois nesse período o país passava por um momento de ditadura e não se podia falar muita coisa em público correndo risco de ser punido. Emilia dizia o que queria, não tinha papas na língua falava o que bem entendia para todos.

Pode-se se dizer com certeza que Monteiro Lobato trouxe a inovação e a modernidade em seus textos para crianças e jovens. Por meio de suas obras os pequenos leitores adquiriram consciência crítica, ele prega a verdade individual e não a moral tradicional.

Pode-se dizer, também, que depois de Lobato as coisas mudaram no país e para melhor. As pessoas ganharam a possibilidade de conhecer mais seu povo, suas lendas por meio de seus livros de histórias encantadas como o Saci que faz parte do folclore brasileiro, que Lobato resgata com o Sítio do Pica Pau Amarelo.

A aproximação do real como o imaginário foi um dos grandes achados de Lobato, ao “[...] mostrar o maravilhoso com o possível de ser vivido por qualquer um,

misturando o imaginário com o cotidiano real, mostra, como possíveis aventuras que normalmente só podiam existir no mundo da fantasia” (COELHO, 1987b, p.96).

Lobato foi um pioneiro da literatura infantil brasileira, pois transformou a maneira de apresentar textos para crianças:

[...] Lobato não se limita à transmissão de conhecimentos. Suas personagens aprendem observando, agindo, questionando o adulto, tirando conclusões aproveitando o que é válido em novas situações. Sua atuação é crítica e transformadora. (ZILBERMAN, 1983, p. 140-141).

Monteiro Lobato foi criado em um sítio, e foi alfabetizado por sua mãe Olímpia Augusta. Talvez isso tenha lhe inspirado em suas obras que fazem com que o leitor viaje na imaginação, ao lembrar a sua infância, os momentos felizes nos passeios pelo campo. Talvez seja isso, a razão de tanto sucesso desse escritor.

Algumas obras infanto-juvenis de Monteiro Lobato são: Reinações de Narizinho; Viagem ao céu; O Saci; Caçadas de Pedrinho; Hans Staden ; História do mundo para as crianças; Memórias da Emília; Peter Pan; Emília no país da gramática; Aritmética da Emília; Geografia de Dona Benta; Serões de Dona Benta; História das invenções; D. Quixote das crianças; O poço do Visconde ;Histórias de tia Nastácia; O Picapau Amarelo; A reforma da natureza; O Minotauro ; A chave do tamanho; Fábulas; Os doze trabalhos de Hércules. Algumas dessas obras é produção original de Monteiro Lobato; outras são adaptações.(COELHO,1991).

Lobato morreu em 1948, em decorrência de um derrame. Contribuiu muito para a educação brasileira, inspirando nas pessoas o gosto pela leitura, escreveu 23 livros infantis que marcaram gerações e introduziu milhares de crianças no universo literário. “Antes de Monteiro Lobato, o livro era um luxo reservado apenas às elites mais abastadas e de maior cultura. Ele permitiu que obras Célebres chegassem ao brasileiro comum.” (COSTA, 2006, p.71).

Seus textos são inovadores tanto para o público brasileiro quanto para o público estrangeiro. Lobato inspirou toda uma geração de novos escritores, que começaram a publicar vorazmente a partir da década de 70.

Segundo Caldin, (2001, p.07) “de Lobato até nossos dias, têm-se três fases da literatura infantil brasileira: o período pré-lobatiano - fase precursora (1808-1919) o período lobatiano - fase moderna (anos 20/70), e o período pós-lobatiano - fase pós-moderna (anos 70 até nossos dias)”

Assim, Monteiro Lobato é um marco na literatura infantil brasileira, que contempla vários tipos de narrativas.

2.2.3 Tipos de narrativas

As narrativas infantis são diversificadas. Nesse trabalho, serão apontados os contos de fadas e os contos de animais, pois os mesmos foram contemplados nas atividades da Hora do Conto desenvolvidas pela acadêmica.

a) Contos de fadas

O conto de fadas sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Ele proporciona para quem ouve o poder para assumir o que é real através do imaginário. Isso é o que faz o conto ser mantido vivo através dos séculos. Nestes contos o que dá o sentido de maravilhoso não são as personagens, mas o que elas representam. Neste tipo de conto há poderes sobrenaturais, objetos mágicos, bruxas, duendes etc. O conto maravilhoso tem muitos enigmas para resolver e mostra a luta do bem para vencer o mal, e ocorrem muitas mortes.

Todorov (2004, p. 64), afirma que “o maravilhoso é caracterizado por elementos sobrenaturais presentes em uma narrativa, que não provocam qualquer tipo de estranhamento nem do leitor implícito, nem das personagens.”

As personagens deste tipo de conto são: homens que voam, animais que falam, bichos que se vestem como humanos entre outros.

Dentre os contos maravilhosos aparecem seres míticos, como as fadas. Etimologicamente, a palavra fada em do latim “*fatum*” (destino, fatalidade, oráculo...), conforme Coelho (1987a p.31).

De acordo com Coelho (1987b), os primeiros registros dos contos de fadas datam de 4.000 a.C., feitos pelos egípcios, com o "Livro do Mágico".

Na seqüência, apareceram na Índia, Palestina, Grécia Clássica, sendo o Império Romano o principal divulgador das histórias mágicas do Oriente para o Ocidente.

As fadas são seres com a espiritualidade mais avançada e a prática do bem é uma prioridade.

Impossível determinar com exatidão o ponto geográfico ou o momento temporal em que as fadas teriam nascido. Entretanto, o mais provável é elas terem surgido e se arraigado naquela fronteira ambígua entre o real e o imaginário, que vem, desde a origem dos tempos atraindo os homens. (COELHO, 1987a, p.32).

“Não é fácil dar uma descrição da aparência das fadas ou sobre a matéria de que são feitas.” (GELDER, 1990, p.31). A literatura apresenta vários tipos de fadas, portanto é difícil descrever como elas se apresentam em sua forma estrutural, mas sabe-se que elas se apresentam sempre na forma feminina. Elas têm sentimentos de afeto e de amizade com os humanos principalmente com as crianças. São criaturas muito desenvolvidas dotadas de elevada inteligência, elas nos ajudam a superar as dificuldades e tomar as decisões mais corretas.

Para Coelho (1987 a) as fadas são seres com poderes sobrenaturais, que podem interferir na vida das pessoas. Mas para a maioria de nós as fadas permanecem como uma ilusão perdida. Por sorte isso só ocorre com adultos, porque no mundo infantil as fadas estão sempre presentes.

Os contos de fadas podem contribuir para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo em que vive, e dá o suporte imaginário onde ela buscará nos personagens a identificação com sua vida para resolver os seus problemas (CALDIN, 2010). Os contos de fadas retratam os fatos da atualidade, “os contos de fadas são sempre atuais, muito embora estejam atrelados à realidade sócio econômica da Europa Medieval” (CALDIN, 2002, p. 32).

Os contos de fadas trazem o encantamento para a vida das crianças. Por meio de seus personagens, as crianças ficam conhecendo esse mundo de fantasia e aventuras, tornando o tipo de literatura preferida das crianças.

Coelho (1987a) e Gelder (1990) concordam que as fadas são criaturas que pertencem aos quatro reinos elementais: terra, água, fogo e ar.

Vejamos:

1) Fada da terra: “[...] É minúscula, tem cerca de um pé ou dezoito polegadas de altura, é de cor de castanha dourada ou verde- escura. São seres bem humorados, alegres mesmo. ” (GELDER, 1990 p. 54).

Acredita-se que essas fadas são as que ficam mais perto das pessoas, auxiliando nas tomadas de decisões quando temos alguma dificuldade que não conseguimos resolver.

2) As fadas da água: “habitam as profundezas das águas e uma de suas principais tarefas é retirar energia do Sol para transmiti-la à água.” (COELHO, 1987a, p. 37).

Pode-se dizer que após a retirada da energia do sol, a energia boa é depositada na água para todos os seres vivos existentes que vivem nela (Mar e oceanos).

3) As fadas do fogo: “são pequenas têm cerca de três polegadas até dois pés de altura, não tem forma humana e não passam de contornos esfumados” (GELDER, 1990, p.97).

4) As fadas do ar: têm “rostos mais ou menos humanos e afilados, cabelos semelhantes a nuvens que escorrem, finos, por trás delas. Toda a sua estrutura parece feita de nuvens. São com freqüência chamadas de sílfides” (GELDER, 1990, p.103).

O Conto de Fadas nunca nos confronta diretamente ou nos diz francamente como devemos escolher.

Ao contrário do que acontece em muitas estórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas, o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. (BETTELHEIM, 1980, p. 15).

O Conto de Fadas ajuda as crianças a desenvolverem o desejo de uma consciência mais elevada, apelando à imaginação e ao resultado atraente dos acontecimentos, que seduz. “O conto de fadas é psicologicamente mais convincente do que a narrativa realista, porque coloca a criança diante de uma situação-problema cuja solução ela encontrará graças a sua capacidade de imaginar.” (GILLIG, 1997, p. 75).

Segundo Coelho (1987 a), a moda dos contos de fadas nasceu nos salões freqüentados pelas damas da corte, serviam como entretenimento e não passavam de relatos da vida diária dos camponeses com muitos conflitos, aventuras e boa dose de pornografia. Portanto esses contos eram impróprios para crianças. Atualmente as traduções e adaptações modificam esse conteúdo e o transformam em ludismo, auxiliando no processo de aprendizagem das crianças.

O psicólogo Bruno Bettelheim (1980), afirma que “a criança precisa descobrir sua identidade para compreender o mundo exterior e, para isso, os contos de fadas assumem um papel importante ao dirigirem-se a ela”. Os contos de fadas tornaram-se modelo de literatura dedicada à criança.

Os contos de fadas fazem toda a diferença para as crianças, é com esses contos que as crianças podem ter a liberdade de imaginar e aspirar coisas novas para a sua vivência cotidiana.

“Pode-se dizer que os contos de fadas, na versão literária, atualizam ou reinterpretam, em suas variantes questões universais como os conflitos do poder e a formação dos valores, misturando realidade e fantasia no clima do Era uma vez...” (KHÉDE, 1986). Neste tipo de história pode-se fazer a criança viajar no imaginário.

Segundo Bruno Bettelheim (1980), os contos de fadas são os mais apropriados para estimular as crianças na imaginação, desenvolvendo o intelecto, e se conscientizando de suas emoções e ajudam a aliviar as pressões conscientes e inconscientes.

Com o que já foi dito, percebe-se que não há necessidade de esperar pela alfabetização formal para que as crianças se envolvam com a leitura das fadas, e dos contos infantis em geral.

“O conto de fadas deveria ser contado em vez de lido” (BETTELHEIM, 1980, p.185). Para o autor, contar histórias ajuda o desenvolvimento emocional da criança.

b) Contos de animais

São contos com animais que fazem parte das “[...] fábulas clássicas, onde os animais vivem o exemplo dos homens.” (COELHO, 1987b, p.130), e mostram o cotidiano vivenciado pelas pessoas. Quando a história é interpretada por animais ela se torna mais atraente e prende mais a atenção das crianças porque estas se

identificam com os personagens. A diferença entre os contos de animais e as fábulas é que os primeiros encantam pelo ludismo, sem a intenção de apresentar moralidade.

Na maioria dos contos de animais para crianças menores, os animais permanecem com suas características originais, ou seja, eles permanecem em seu habitat natural, nunca se fazem parecer como humanos trajando roupas ou se comportando como tal. Mesmo que a história pretenda passar uma mensagem formadora, ela amplia o grau de imaginação e entendimento da criança, deixando-a mais preparada para enfrentar os novos desafios que serão impostos à sua vida futura.

Como exemplo, cita-se a história dos Três porquinhos, que retrata o modo de ser e de agir dos irmãos porquinhos; um é mais cauteloso, mais trabalhador, com uma visão mais aguçada do futuro; enquanto os outros dois só pensam em se divertir - isso faz a criança se identificar mais com alguns dos personagens. Na história, os porquinhos têm que construir suas casas. Dois dos porquinhos optam por fazê-las de modo mais prático para assim poderem se divertir mais rápido, mesmo com os conselhos do irmão mais velho de que isso pode causar problemas futuros.

Segundo Bethelheim (1980) esse conto procura mostrar aos leitores que nem sempre o modo mais fácil é o mais apropriado para certas ocasiões. Deve-se medir as conseqüências dos nossos atos e verificar se a atitude a ser tomada é a mais correta. O educador e terapeuta defende que a identificação será sempre com a personagem principal, que possui mais qualidades.

Caldin (2010) discorda dessa interpretação, que acusa de ser simplista demais, de tolher a capacidade de inferências das crianças. Segundo a autora, a identificação é possível com qualquer personagem literária, mesmo com as que apresentam atitudes incoerentes e defeitos do comportamento.

É fato que quando estamos lendo uma obra literária nos identificamos com um personagem. Isso acontece de maneira inconsciente. As crianças se identificam os animais com facilidade, talvez pela transgressão do estabelecido, pela astúcia em se livrar de situações difíceis.

O imaginário infantil consegue absorver muito mais rápido a história narrada pelo autor quando ela apresenta personagens na forma de animais. Vários autores utilizaram os animais para dar formas aos seus personagens, pois percebem que

isso agrada o público infantil. O conto com animais retrata o ser humano em sua magnitude, apresentando as ações cotidianas das pessoas, como exemplo as histórias: a Galinha ruiva, o patinho feio, a festa no céu, entre outras.

Os desenhos animados, também, valem-se dessa atração que os animais exercem sobre as crianças. As próprias produtoras de desenhos animados desenvolvem o tipo de desenho conforme a faixa etária de seu público alvo, apostando no sucesso.

3 METODOLOGIA

Toda pesquisa procura respostas para um problema. Nesse caso, o problema era; como transformar a Hora do Conto em um momento de prazer?

Para obter algumas respostas, é necessário, antes de tudo, buscar na literatura o que já existe sobre esse assunto.

Assim, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. Segundo Silva e Menezes (2001, p. 21), a pesquisa bibliográfica dá-se “a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet.”

Do ponto de vista de seus objetivos, se caracteriza como exploratória, que, segundo Silva e Menezes (2001, p. 21) “visa proporcionar maior familiaridade com o problema.” Mas se caracteriza também como descritiva, que de acordo com Silva e Menezes (2001, p. 21) “visa descrever as características de determinada população”, pois descreveu as atividades de Hora do Conto em creches.

O campo de pesquisa foram 6 creches do Município de Biguaçu. O município possui população estimada em 60 mil habitantes; é de colonização açoriana e está distante da capital 28 km e faz parte da região grande Florianópolis. (INDICADORES..., 2010).

Muito embora o município possua 11 creches públicas a pesquisa foi desenvolvida em apenas 6 delas. O recorte deu-se em virtude do limitado tempo para a conclusão desse trabalho. As creches selecionadas receberam a visita da acadêmica pela ordem de solicitação prévia que fizeram. As creches entraram em contato com a Secretaria da Educação e com a Biblioteca pelo telefone, solicitando

para visitar a Biblioteca e participar da Hora do Conto ou para a contadora ir até a creche solicitante.

A acadêmica preocupou-se em diversificar as histórias contadas. A escolha da história sempre foi de acordo com a idade dos alunos, e seus interesses estéticos. Foram utilizados recursos como fantoches, caracterização e interpretação e dramatização de personagens.

4 RELATO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES

Nessa seção serão relatadas as histórias contadas às crianças e, a seguir, será apresentada uma análise da Atividade.

A escolha das histórias a ser contadas para as turmas das creches teve como critérios primeiro, as idades das crianças e, segundo, seus interesses estéticos. A seleção das histórias contemplou os contos de fadas e de animais: O patinho feio; Dumbo; A Bela Adormecida; Rapunzel; O Gato de Botas; Branca de Neve e os Sete Anões; O homem dos sete mil instrumentos e mil e uma alegrias; Chapeuzinho Vermelho e o Lobo mau; Os Três Porquinhos; O Casamento de Emilia; e a Galinha Ruiva. Essas instituições tiveram seus nomes substituídos por letras do alfabeto.

a) A história do patinho feio

A primeira Hora do Conto foi realizada na creche A, no dia 09 de setembro do corrente, no período da tarde. Contou com a presença de aproximadamente 25 alunos com idade entre cinco e seis anos. Foi muito boa a acolhida pela Coordenação da creche. A narradora ficou à vontade com as crianças.

A narração é sobre uma pata que teve quatro patinhos, sendo que o último a nascer era um pato diferente, grande e feio, até mesmo para sua mãe. Todos os outros animais da fazenda riam do patinho, chamando-o de feio. Com o tempo o patinho cresceu e descobriu que ele não era pato e sim um lindo cisne. Então, todos passaram a admirá-lo e a se curvar diante de sua beleza.

Essa história foi contada no intuito de demonstrar às crianças que algumas vezes nos sentimos em um lugar que não nos pertence, seja na própria família, seja

na escola ou na comunidade. Serviu para explicar que devemos aceitar qualquer diferença que possa haver entre as pessoas, pois muitas se sentem eternamente rejeitadas ou perdidas no mundo. Nesta história deu para perceber que as crianças desta instituição não têm noção de rejeição, talvez pela sua condição social, pois a creche fica localizada no centro com melhor estrutura, e sua função é cuidar dos filhos dos funcionários da prefeitura. Essas crianças têm uma qualidade de vida superior às demais que moram em bairros mais distantes. Sendo assim narradora não conseguiu passar a mensagem de desigualdade porque somente quem tem conhecimento prévio da situação entende a mensagem. Foi uma experiência diferente para a contadora, pois depois da contação as crianças pediam para ela contar outras histórias como chapeuzinho vermelho e a bela adormecida entre outras. Com isso a contadora percebeu que a história contada anteriormente não agradou muito. A contadora atendeu aos pedidos e contou as histórias solicitadas e foi um sucesso. Com isso a pesquisadora percebeu o que diz Coelho (2000), que se deve observar o tipo de público e selecionar as histórias de acordo com suas idades e gostos estéticos.

b) Dumbo

A segunda história foi realizada no dia 16 de setembro do corrente, para crianças do pré-um, com idades de dois e três anos, na creche B. Como a turma era pequena foram juntadas as duas turmas, somando 26 alunos. A história narrada foi Dumbo e seus amigos. Foi contada com o livro porque nessa idade, segundo Coelho (2002), as figuras são muito importantes para eles, pois, como ainda não dominam os códigos da linguagem escrita lêem pelas figuras e pela voz do narrador. Nesse caso o livro foi de muita valia porque suas gravuras são bonitas além de serem no formato 3 D, ou seja, dão a impressão de movimento na medida em que o livro é folheado.

A acadêmica se caracterizou com um vestido bem estampado e o cabelo preso dos lados (modelo Chiquinha). Inicialmente foi feita a apresentação da narradora antes da história.

Para deixá-los bem à vontade foi cantada uma música bem curta do elefantinho que está no DVD da Xuxa (Xuxa só para baixinhos v.7):

*Eu tenho um elefante que se chama trombinha
que mexe as orelhas, chamando a mamãezinha
e a mamãe lhe disse:*

- *comporte-se, trombinha , senão eu vou te dar...*
- *quê? quê?*
- *txá-txá bem na bundinha.*

A música cantada teve como intuito de aproximação da contadora com as crianças para deixá-las mais a vontade. Logo após a história teve início. Como as crianças tinham pouca idade, procurou-se contar a história através de brincadeiras. Algumas crianças ficavam mais dispersas que outras, pois nessa idade eles geralmente não mantêm a atenção por muito tempo na mesma coisa. Isso comprova o que segundo Coelho (2002), que para crianças pequenas as histórias devem ser bem curtas, com pouco texto para não se tornarem cansativas, exigindo um maior desempenho por parte da narradora e das professoras, para trazerem as crianças para o foco da história. Depois de contar a história, a formanda soube que uma criança estava de aniversário; então foi sugerido para todos cantassem parabéns para ela. Foi distribuído pirulitos para eles.

No início da contação as crianças ficaram um pouco tímidas; dava para perceber pelo olhar um pouco desconfiado de alguns, mas depois das brincadeiras e músicas ocorreram algumas participações até inesperadas: um garoto pediu para me dar um beijo e outro levantou o meu vestido para olhar em baixo dele, uma menina pegou na minha mão e segurou por algum tempo, senti que ela tinha simpatia por mim. Observei que as crianças menores percebem mais a história se ela tiver mais movimentos como: bater palmas, dar uns pulinhos, mudar a entonação de voz. Com essa técnica eles interagem mais e até tentam imitar o contador de histórias.

c) A Bela adormecida

Essa atividade de contação foi desenvolvida no dia 23 de setembro do corrente, para 22 crianças na faixa etária dos 4 anos, na creche C.

O motivo da escolha dessa história foi o enredo, pois como há princesa, castelo rei e rainha, a atenção das crianças é garantida, uma vez que o clima de encantamento é muito forte. Para contar esta história contou-se com a ajuda de dois

alunos, uma menina que interpretava a princesa e um menino que no final aparecia como príncipe. A contadora amarrou os cabelos da menina e colocou umas fitas nas pontas e um colar para se parecer como uma princesa. No menino a contadora colocou um lenço no pescoço e um chapéu, amarrou uma espada de brinquedo em sua cintura (ficou parecendo um príncipe mesmo).

A acadêmica começou a contar a história e mostrar o livro para que as crianças a visualizassem. Depois continuou somente contando sem o livro, mas com a ajuda das duas crianças que estavam caracterizadas. Na hora que o príncipe tenta acordar a Bela Adormecida as crianças ficaram eufóricas, porque a contadora adaptou a história, deixando o príncipe passar bastante trabalho para acordar a princesa adormecida. Primeiro o príncipe deveria cantar uma música para tentar acordar a moça, mas não obteve êxito. Então ele jogou pétalas de rosas (utilizado dois botões de rosas para a interpretação) em cima da moça; também não funcionou. Ele insistiu jogando gotículas de água fria, mas não adiantou, a princesa continuava dormindo. Nisso as crianças que assistiam à dramatização gritaram: “grita bem alto, ai ela acorda”, mas nada, ela nem reagia. Dançou para a Bela Adormecida na intenção de assim ela acordar, tendo mais uma vez fracassado em sua tentativa. Pensando em desistir, beija o belo rosto da princesa, que, num rompante, acorda de um sono profundo; assim, ambos se apaixonam e se casam. A contadora colocou um véu branco de tule na cabeça da menina e então terminou a história com eles se casando, para alegria do público, que vibrou com o desfecho.

Nesta história pude perceber como as crianças gostam de se fantasiar como príncipes, princesas e reis. Deu para perceber como elas vibram com essas personagens e com lugares diferentes. Deu para notar, também, que elas já têm noção que o casamento é uma união sólida, e importante no conceito delas, porque elas pediam para que os personagens se beijassem e tivesse um casamento. As professoras deram apoio, o que contribuiu muito para o sucesso da contação. Percebi que as crianças se sentem mais seguras quando estão com a professora, pois quando a contadora perguntou quem queria ser o príncipe e a princesa, ninguém levantou a mão. Mas quando a professora fez a mesma pergunta surgiram várias candidatas meninas, pois, os meninos são mais tímidos para participar como personagem, mas depois de alguns minutos apareceu um candidato para participar como príncipe.

Ressalta-se que Bettelheim (1980, p.13) afirmou que “para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade.” Pode-se dizer que tal aconteceu nessa atividade.

d) Rapunzel

Essa apresentação da Hora do Conto foi realizada para 19 crianças com idade entre 3 e 5 anos no dia 01 de outubro do corrente, na creche D. A história foi escolhida em conjunto com as professoras da creche, pois elas tinham em mente fazer um teatro para todas as turmas juntas, faltando apenas alguém para dar vida aos personagens. Então a acadêmica propôs fazer algumas adaptações na história, como por exemplo, o príncipe não fica cego, ele só enxerga tudo embaçado; Rapunzel esfrega suas tranças nos seus olhos e ele volta a vê-la como antes. Para dar mais vida à história a contadora trançou um tecido bem comprido e colocou na cabeça. Explicava que eram os cabelos da Rapunzel. Algumas crianças queriam tocar, ver como era feito, e a contadora deixou todos experimentarem. Depois para dar mais efeito visual na história a contadora colocou sua máscara de bruxa e lançou um feitiço para que o cabelo de Rapunzel (agora interpretada por uma menina) parasse de crescer e a cada dia ficasse mais curto. A bruxa queria que o príncipe acreditasse que Rapunzel era feia, mas seu plano não deu certo, pois, no final da história, eles ficaram juntos felizes para sempre.

As crianças ficaram intrigadas com as maldades da bruxa. No início da contação ficaram com uma expressão de espanto e medo principalmente quando a bruxa apareceu com o feitiço para Rapunzel. O material utilizado para o feitiço era: um pouquinho de água com algumas gotas de tinta guache azul colocado em um caldeirão de plástico pequeno. Passado algum tempo elas começaram a achar engraçado tiravam a máscara da contadora e provavam, queriam se olhar no espelho como ficavam, (que por sorte a contadora tinha levado). As crianças queriam molhar os dedos nos caldeirão da bruxa e faziam perguntas sobre as maldades e sobre Rapunzel. Pôde-se concluir pelas demonstrações de carinho das crianças com a contadora que elas gostaram muito. A contadora teve dificuldades

em deixar o local chegou a exceder o tempo combinado com a diretora para a contação.

A contadora ficou muito satisfeita com os resultados dessa experiência, pôde sentir que as crianças ficaram felizes e concluiu que as crianças gostam de todas as histórias, mas o que as deixa fascinadas são as caracterizações das personagens, os trejeitos, a entonação de voz, entre outros. Lembrou o que disse Coelho (2000) a respeito das crianças da faixa etária de três anos, em que predomina a sensorialidade.

e) O Gato de Botas

Essa Hora do Conto foi realizada no dia 08 de outubro corrente para 17 crianças com idade entre quatro e cinco anos, na creche E, contando com a ajuda da professora da turma.

Essa história foi escolhida para essa turma porque a contadora já tinha conhecimento adquirido por meio da revisão de literatura, que os alunos com idades acima de quatro anos gostam de personagens que têm astúcia e se dão bem no final. Com o apoio da Coordenação da Creche, a narradora ficou muito à vontade com as crianças e deu início à contação da história com algumas modificações para adaptar a história ao dia-a-dia das crianças como, por exemplo, os rapazes eram filhos de um sapateiro e não de um moleiro como na história original. As crianças gostaram muito da esperteza do gato, principalmente quando ele pede a seu amo para tirar a roupa e se jogar no rio. As crianças não conheciam a história e ficaram encantadas. A contadora usou uma máscara de gato, um par de luvas pretas, botas pretas, e uma sacola também na cor preta. Dentro da sacola colocou um coelho de pelúcia, um gato e uns bichos de borrachas que representavam os presentes para o rei. O rei foi interpretado por um menino de quatro anos que ficava sentado em uma cadeira pequena e agradecia os presentes que o gato lhe trazia. No momento que a contadora apareceu com a fantasia, as crianças ficaram tão eufóricas que a professora teve que interferir para a história ter continuidade, elas queriam tirar a máscara e ver quem estava por baixo dela. Depois que terminou a história, a contadora deixou as crianças provarem as roupas e a máscara. Só que elas brigavam muito, disputando os adereços. Então a professora estipulou um tempo

para que todos pudessem ver de perto e prová-los. Foi ótima a apresentação desta história, deu para sentir que as crianças gostaram, porque até pediram mais e faziam perguntas como: onde os príncipes iriam morar depois do casamento, e se teve festa de casamento no castelo e ainda se tiveram filhos.

Essa atividade mostrou a importância da presença do adulto como, segundo Coelho (2000, p.35) “agente estimulador” do imaginário infantil.

f) Branca de Neve e os sete anões

Essa Hora do Conto foi realizada no dia 11 de outubro do corrente, na creche F. Estavam presentes 28 alunos com idade entre quatro e cinco anos, sendo duas turmas. A história contada foi a Branca de Neve e os Sete Anões. Os alunos já conheciam a história que lhes foi apresentada pela professora com um DVD, mas isso foi bom, pois como eles já conheciam o enredo, participavam bastante, tentando descobrir se era o mesmo. Mas apesar de conhecer a história eles nunca a tinham visto dramatizada.

A contadora utilizou um vestido com flores para interpretar a Branca de Neve e, para Bruxa, uma máscara de borracha com características de Bruxa, uma capa comprida preta feita de tecido tipo TNT e uma maçã. A cada troca de personagem a contadora se escondia atrás do armário da sala, ia trocando de roupa e continuava contando a história. As crianças gritavam quando viam a Bruxa. A dramatização fez tanto sucesso que a contadora teve que repetir três vezes. Após isso, a contadora ofereceu doces para as crianças e todos conversaram um pouco sobre a história. Em seguida, então foi realizada a brincadeira do morto vivo com as crianças: quando a acadêmica dizia *morto* as crianças deveriam se abaixar, e dizia *vivo* elas deveriam se levantar. Quem errava saía da roda e quando só restava somente uma criança batiam-se palmas calorosas chamando pelo nome da criança vencedora. Essa brincadeira agradou até as professoras porque elas perceberam que todas as crianças, sem exceção, participaram. Assim, houve socialização a partir de uma história. Isso lembra o que falou Caldin (2010) a respeito da importância da brincadeira e da dramatização de histórias no processo de socialização da criança.

g) O Homem dos Mil e Um instrumentos e mil e uma alegrias.

Essa Hora do Conto foi realizada no dia 18 de outubro do corrente, na creche G, fazendo parte da coleção pedrinha mágica, foi sugerida pela direção da creche por ser um material novo educativo e as crianças ainda não conheciam. Têm muitos sons e ritmos. A contadora utilizou a técnica de entonação de voz para dar mais vida á historia. Depois ensaiou o som dos instrumentos que aparecem na história com as crianças afim de que elas participassem, e elas responderam muito bem ao incentivo. A história tem inicio com um homem chamado seu Francisco que sai na rua para tocar seus instrumentos. Seu objetivo é divertir o povo, então ele começa a tocar todo tipo de instrumento, mas tem uma parte engraçada que é a chegada do delegado da cidade, quando ele chega diz: “Seu Francisco pare já com isso senão eu te pego e te faço um cisco”. Nesse momento a contadora utilizou a entonação de voz, arrancando gargalhadas das crianças que pediam para repetir as cenas. Essa história deixou a contadora muito satisfeita com o sucesso entre as crianças. Quando a contadora se despediu, algumas crianças davam tchau e imitavam as vozes que a ela havia feito na contação. A performance do narrador, conforme Caldin (2002) é fator estimulador da imaginação do público-alvo. Nesse caso, além da encenação, que envolve a gestualidade, a acadêmica utilizou também o humor como fator atrativo da atividade de contação de história.

h) Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau.

Essa história foi apresentada para todos os alunos no dia 20 de outubro do corrente, na creche F, para 95 crianças com idade entre dois e cinco anos. Nessa contação foi utilizado o recurso de dramatização com caracterização dos personagens. Para conseguir isso com sucesso, a contadora solicitou a ajuda de três professoras; elas se vestiram com as roupas dos personagens que a contadora havia levado. Assim, ensaiaram um pouco e depois foram para a sala onde as crianças já aguardavam com ansiedade. Para dar mais vida, a contadora entrou cantando e dançando bem alegre: “Quem tem medo do Lobo Mau, Lobo Mau, Lobo Mau”. Só com isso a contadora causou tanta euforia que demorou um pouquinho até conseguir dar início à história. A contadora ia narrando e dando vida aos personagens e apresentando-os para o público, e no final, a contadora interpretou o caçador que prende o lobo. A contadora sugeriu para as professoras que a historia

fosse adaptada para não causar espanto nas crianças menores. Na parte onde o lobo come a vovó, ela sugeriu que o lobo somente a trancasse no armário e, também, no final da história, o caçador pergunta para o lobo se ele se arrepende, o lobo responde que sim, então o caçador o faz prometer nunca mais fazer maldades. O caçador pergunta às crianças se é para soltar o lobo ou não e elas decidem que sim. O caçador, então, solta o lobo. Após, a narração da história, por ser a semana da criança, foi cantado os parabéns pelo seu dia, em seguida merendeiras começaram a servir cachorro quente, refrigerantes e outras guloseimas que já estavam preparadas para a ocasião.

Nesta contação, pôde-se perceber que as crianças apesar de já conhecer a história, pois a creche possui um bom acervo infantil e incentivam a leitura, agiam como se fosse a primeira vez que estavam tendo contato com ela e o entusiasmo era evidente. E o que fez com que esse fenômeno ocorresse foi o a dramatização. Foi observado que elas se sentiam seguras pelo fato de suas professoras estarem também participando da atividade. Elas participavam chamando as professoras e indicavam a direção que o lobo estava vindo, com intuito de protegê-las então quando a personagem interpretada pela professora conseguia escapar do lobo as crianças demonstravam carinho abraçando-a.

Segundo Bettelheim (1980) a criança encontra significados existenciais nos contos de fadas. Talvez por isso, essa história, tão antiga e conhecida, sempre faz sucesso entre as crianças.

i) Os três porquinhos

Essa história foi contada no dia 25 de outubro do ano corrente para todos os alunos, na creche G. Foi utilizada uma casinha feita de canos de plástico coberta com tecido de TNT, com três cores diferentes de tecido. O tecido foi substituído a cada aparição do lobo para caracterizar uma casinha diferente, ou seja, uma casa para cada porquinho. Também foi utilizada uma máscara de lobo. A casa foi feita de material bem leve, o que facilitou a montagem e a derrubada quando o lobo assoprou. A contadora solicitou que três crianças ficassem dentro da casa para movimentar a história; a cada investida do lobo uma criança saía restando apenas a que escolheu a casa de alvenaria. As crianças gritavam quando o lobo aparecia

tentando avisar aos porquinhos do perigo que estavam correndo. Algumas ficaram tristes devido à casa de dois porquinhos serem destruídas, deixando-os sem casas. Então a contadora sugeriu que todos passassem a morar juntos e colocou um TNT verde para cobrir a casa que possui uma janela florida feita de tecido colorido que tampa o recorte feito no TNT verde são duas partes que deslizam em um cordão possibilitando quem estiver dentro da casa abrir a janela para que quem estiver fora possa vê-los, pois na história, os três porquinhos passaram a morar juntos e se ajudarem, protegendo uns aos outros contra o lobo mau. E esse final agradou muito a todos. A casa tem uma aparência muito bonita e agradável, então a contadora deixou que todos entrassem na casinha para ver como era por dentro. A contadora havia deixado dentro da casa doces para as crianças em saquinhos coloridos, que foram distribuídos a todos após a descoberta pelas crianças. Nessa história pode-se perceber o quanto é importante a união entre os irmãos. Essa história passa a mensagem de que não devemos ser preguiçosos e sim trabalhar duro para garantirmos algo que seja forte e que ninguém consiga nos tirar, conforme afirmou Bettelheim (1980).

j) O casamento de Emilia

Essa atividade foi realizada no dia 11 de novembro, na creche H. Estavam presentes na contação 25 crianças com idade entre quatro e cinco anos. A história utilizada sofreu alguns cortes e algumas adaptações para que fosse mais bem compreendida pelas crianças. Faz parte do primeiro livro de Monteiro Lobato *Reinações de Narizinho*.

Nesse dia a contadora iniciou a atividade lúdica com uma conversa com as crianças, se apresentando, mesmo já sendo bastante conhecida das crianças, pois elas são usuárias da Biblioteca. Essas conversas antes das histórias são importantes porque deixam as crianças menos ansiosas e mais animadas no momento da história. Se elas já tiverem alguma intimidade com a contadora, fica fortalecido o vínculo de amizade e as crianças sentem liberdade para expressar suas ideias. A acadêmica, depois de sua apresentação, perguntou os nomes de todas as crianças e suas idades. Para o sucesso dessa Hora do Conto foi utilizada a

técnica de dramatização, sendo solicitada pela contadora a ajuda de outras funcionárias da Biblioteca. Essa contribuição de outras funcionárias se fez necessária devido ao tipo de história ser difícil de prender a atenção sem ser dramatizada, e porque as crianças da instituição não tinham conhecimento da história. Também foram utilizadas roupas e acessórios para dar mais vida à história. A contadora se caracterizou como noiva utilizando um vestido claro longo, um véu feito de tecido de tule fino branco e um buque de flores artificiais; uma funcionária da Biblioteca vestiu uma roupa feita de TNT de cor marrom para representar o porco. As crianças chegaram por volta das quinze horas, estavam sendo aguardados com ansiedade pelas funcionárias da Biblioteca que já estavam caracterizados. As crianças foram entrando bem devagar, estavam apreensivas e desconfiadas, porque apesar de freqüentarem a Biblioteca nunca tinham sido convidadas para a Hora do Conto, pois essa atividade não era realizada anteriormente no período da tarde. Logo após a chegada, as crianças foram conduzidas ao setor infantil por uma colega que não estava caracterizada; foram convidadas a sentarem-se em almofadas grandes que a biblioteca possui. Após todas estarem bem acomodadas, as personagens foram aparecendo de acordo com o desenrolar da história. O cenário foi montado com uma mesa pequena na cor branca de plástico, coberta com um tecido tipo TNT azul claro com uma flor violeta em cima e um livro para o padre fazer o sermão. Utilizou-se ainda outra mesa decorada com os doces para a festa de casamento, que seriam distribuídos para as crianças após a contação. Iniciou-se a história com a entrada do padre que tinha pressa de celebrar o casamento de Emilia com o Senhor Rabicó. Passando algum tempo, aparece o noivo que só pensa em comida (ele até tenta pegar os doces que estão sobre a mesa e as crianças gritam para ele não pegar). Então finalmente chega a noiva que é representada pela contadora. Sua aparição causou grande euforia entre as crianças que começaram a se mexer muito; algumas ficaram em pé para vê-la melhor. Então as outras personagens começam a cantar uma música que foi adaptada pela contadora para a sua entrada: *Felizes para sempre é o que nós iremos ser, nas horas tristes nos momentos de prazer, felizes para sempre...* A música já havia sido cantada antes da entrada da noiva (pelas outras personagens), repetida várias vezes para que as crianças conseguissem cantar junto; após isso, as outras personagens jogam papel picados na noiva.

Nesta história pode-se perceber o entusiasmo e a participação das crianças. Observou-se que vários fatores contribuíram para isso, primeiro elas já conheciam a Biblioteca, a contadora e as outras funcionárias apesar de quase todas estarem caracterizadas, elas pareciam estar bem familiarizados conosco. Outro fator é que estavam acompanhadas pela professora, o que já se observou anteriormente que contribui para se sentirem mais seguras. E há ainda outro fator: é a caracterização e o tipo de história, o casamento chama muito a atenção das crianças de todas as idades, elas vêem o casamento como algo bonito, e interessante e respeitam muito.

Essa atividade corrobora o que disse Abramovich (1997, p.18): “para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz.” Nesse caso, a narradora teve sucesso, pois se preocupou em apresentar o texto de forma dinâmica e cativante.

j) A Galinha Ruiva

Essa história foi apresentada no dia 12 de Novembro para 32 crianças com idade entre três e cinco anos, na creche I.

A história original sofreu alguns cortes e adaptações para o melhor entendimento das crianças. O recurso utilizado foi a caracterização, leitura com o livro para que as crianças visualizassem e entendessem melhor a história, e alguns objetos pois, conforme Coelho (2000, p.34) “As imagens devem sugerir uma situação (um acontecimento, um fato, etc.) que seja significativa para a criança ou que lhe seja de alguma forma atraente.”

A acadêmica chegou à creche por volta das nove horas acompanhada de uma colega de trabalho que foi convidada pela contadora para ajudar com os acessórios e personagens. Já na entrada, algumas crianças nos observaram e perguntaram: “você vão contar historinhas?” Então a contadora e sua colega disseram um sim bem entusiasmado, elas se retiraram e foram se juntar às outras que estavam nos aguardando em uma sala que é utilizada por elas para ver vídeos. A contadora e sua colega continuaram onde estavam aguardando na recepção a autorização da diretora para entrar e começar a Hora do Conto.

Ao entrar, foram se caracterizar. A contadora colocou uma touca de borracha no formato de uma galinha, bem colorida, mas que não cobre todo o rosto; a parte descoberta foi pintada com uma maquiagem de cores semelhantes à da galinha para dar verossimilhança à história. Para que a cabeça chamasse mais a atenção, vestiu roupas pretas. A colega da contadora usou uma máscara de gato, também de borracha; vestiu roupas pretas idênticas as da contadora. Com tudo pronto, partiram em direção à sala onde as crianças já as aguardavam. Mas quando chegaram à porta da sala, as crianças menores se assustaram e gritaram muito, então a contadora manteve a calma, tirou a máscara e sugeriu que sua colega fizesse o mesmo. Ambas se apresentaram e a contadora lembrou-se no momento de uma música que sua filha adora que está no DVD “A Galinha Pintadinha” v.2. E cantou com entusiasmo para elas:

A galinha pintadinha e o galo carijó

A galinha usa saia e o galo paletó

A galinha ficou doente e o galo nem ligou

Os pintinhos saíram correndo pra chamar

O seu doutor, O doutor era o Peru

a enfermeira era um urubu

e a agulha da injeção

era a pena do pavão...

A contadora percebeu que elas gostaram da música, então repetiu várias vezes a música para as crianças aprenderem a letra. Após, a contadora comentou que iria ler uma história e mostrou as gravuras do livro. Depois, perguntou para as crianças se poderiam colocar as máscaras novamente e elas concordaram. Somente após tudo isso é que conseguiram dar início à história. A contadora foi lendo e dramatizando ao mesmo tempo: tinha consigo duas sementes de girassol, colocou-as no chão e disse que eram sementes de trigo, perguntou para o gato (interpretado por sua colega) se ele queria ajudar a plantar as sementes, e o gato respondeu: “miaaau sou um gato lindo, maravilhoso e preguiçoso que adora comer e dormir”, e em seguida deitou-se no chão e falou: “eu não mexerei uma pata minha para te ajudar.” Então a galinha perguntou para o cachorro (feito de EVA???, preso

em um palito de churrasco que a contadora segurava na mão) se ele a ajudaria e ele responde: “minha profissão é cuidar da casa enquanto meu dono estiver fora e latir quando chega visita, tenho quatro patas e não um bico para furar o solo; acho que você é a mais indicada para isso, se quiser faça sozinha minha ajuda não terás”, e saiu latindo.

A galinha sai da sala, enterra as sementes, volta e conversa com as crianças. Depois pede para o gato ver como estavam as sementes que ela havia plantado. Então a personagem do gato convida duas crianças para irem até onde a galinha tinha enterrado as sementes; uma delas voltou correndo e disse: “tem presente”, o gato voltou e pediu para a galinha o deixar comer alguma coisa, o cachorro também insistiu, então a galinha disse para os dois: “pois fiquem sabendo que não vão provar nada, ninguém quis me ajudar, seus preguiçosos e não adianta insistirem; vou repartir tudo com as crianças.” Começou a distribuir doces para as crianças, mas nesse momento bateu o sinal para a hora do lanche das crianças e a contadora orientou para elas comessem os doces somente depois do lanche e quase todas atenderam. A contadora propôs que elas lanchassem e deixassem os doces para depois; se concordassem, a contadora iria esperar e depois do lanche, já com autorização da professora, fazia algumas brincadeiras com as crianças e elas aceitaram. Como ficaram temerosas de ir embora nesse intervalo, fomos até o refeitório com as crianças. Elas descansaram um pouco, depois voltaram para a sala. Após todas se acomodarem, cantamos os parabéns para as crianças, conversamos mais um pouquinho, mas deveríamos ir embora, pois nossa presença já estava alterando a programação do dia. Agradecemos às crianças, à professora e à diretora pela acolhida e prometemos que voltaríamos assim que pudéssemos. Saímos com a certeza de que para aquelas crianças fizemos algo diferente e bom. Nesta Hora do Conto pôde-se observar que as crianças têm noção de que devemos ajudar o próximo e que perdoam facilmente, pois quando a galinha negou doces para o gato e para o cachorro, elas ficaram apreensivas e preocupadas; demonstraram solidariedade para as personagens, oferecendo seus doces.

Pôde-se observar que todas as crianças são muito parecidas em suas ações. A contadora pôde constatar isso, pois esteve em várias creches diferentes, e as crianças em sua maioria, gostam de finais felizes, não suportam ver ninguém sendo

injustiçado, gostam muito de comemorações como cantar parabéns, bater palmas, histórias alegres, personagens engraçadas, caracterizações, entonação de voz, trejeitos, por exemplo. Nesta última apresentação percebeu-se que as crianças gostaram das personagens.

E pode observar que quanto mais personagens na história, mais as crianças ficam encantadas; embora cada uma se identifique mais com uma do que com outra, elas sempre tem a sua preferida, seja nas histórias lidas contadas ou dramatizadas, e nem sempre a preferida é a personagem boazinha.

5 CONCLUSÃO

Sabe-se que grande parte das crianças não tem acesso à leitura antes de freqüentar a sala de aula. Infelizmente somente nas creches e escolas é que a maioria irá ter seu primeiro contato com a literatura. O trabalho foi realizado com a intenção de mostrar como o interesse pela literatura pode ser despertado, e comprovar, com a prática realizada pela acadêmica, a importância das histórias infantis para o desenvolvimento emocional na vida da criança, conforme estudos de Bettelheim (1980). Ouvindo histórias o desejo de ler ganha intensidade, proporcionando às crianças o prazer das relações entre a realidade e a fantasia. Entre os direitos humanos está o direito ao lazer, e o lúdico faz parte deste lazer, principalmente para as crianças. Verificou-se que as crianças em sua maioria, possuem interesse pela leitura. No entanto, após a conversa com as crianças, verificou-se que elas não desenvolveram práticas leitoras fora da sala de aula, ou seja, junto com a família, pois a maior parte dos pais não possui formação e nem tempo disponível para incentivar os filhos ao exercício da leitura.

Esse trabalho cumpriu seus objetivos, pois, por meio da Hora do Conto, permitiu-se contato das crianças com o livro, seja pela leitura, pela contação ou dramatização. Além disso, foi estimulada a oralidade, a livre interpretação, o gosto pela leitura, a fruição do literário; em todas as sessões da hora do Conto, procurou-se criar um ambiente de descontração, permitindo às crianças viajarem no imaginário.

Para iniciar Hora do Conto nas creches houve resistência de algumas instituições, que não estavam interessadas nesse tipo de trabalho. Entretanto, após o aceite na creche A, execução das atividades e excelente acolhida das crianças, a creche ofereceu referências ao trabalho realizado, o que possibilitou desenvolvê-lo em outras instituições, e ser muito bem recebida.

Foi constatado que durante a Hora do Conto as crianças ficaram encantadas. No primeiro encontro realizado já foi observado um resultado bastante satisfatório na concretização do trabalho, pois as crianças participaram da história com entusiasmo e se mostraram felizes com a contação.

Segundo Coelho (2000), os textos para as crianças na faixa etária de 3 a 5 anos devem ter a predominância da imagem, e escrito com palavras de sílabas simples, organizadas em frases curtas. Devem ser histórias pequenas e simples, mas que tenham início, meio e fim. As personagens podem ser reais (humanos) ou simbólicas (bichos, plantas, objetos), mas o papel desempenhado por cada uma deve ser bem definido, fazendo a diferença entre os bons e os maus, bonitos e feios, entre outros. O texto deve ter argumentos que estimulem a imaginação e sentimentos como: o querer e o sentir. Esse tipo de texto facilita tanto a leitura como a contação ou dramatização e, por esse motivo, a acadêmica valeu-se de histórias que contemplavam tais ingredientes literários.

Para Caldin (2003), a literatura tem como função social dar entendimento ao homem para que ele consiga se emancipar dos dogmas impostos pela sociedade. Se a sociedade pretende buscar a formação de um novo modelo de homem, terá que prestar mais atenção nas crianças para alcançar esse objetivo.

Na apresentação da história *O Patinho Feio*, ocorreu algo inesperado para a contadora: as crianças não gostaram da história, ou talvez não conseguiram interpretá-la, ou ainda, é possível que a contadora não a tenha contado uma maneira que agradasse. Porém elas solicitaram outras histórias que conheciam melhor, a contadora atendeu, e foi um sucesso.

O que pode se perceber é que nem sempre aquilo que pensamos que irá agradar as crianças faz sucesso com elas, muitas vezes nos enganamos na escolha do livro. Para que isso não ocorra, é necessário conhecimento prévio do público.

Na apresentação da história, *Dumbo*, as crianças eram bem pequenas e pode-se observar que elas não conseguem ficar muito tempo concentradas na história, observam muito as figuras e até as querem tocar. As atividades posteriores como cantigas, brincadeira de roda dança da cadeira entre outras muitas vezes chamam mais atenção delas do que a própria história.

Nas outras contações, as idades das crianças eram sempre de quatro a cinco anos. Uma característica marcante nessa fase é a participação das crianças na história. Elas às vezes falam o final antes da contadora acabar de contar, dão

opinião, e reclamam quando não gostam. Mas para que se consiga saber o que elas estão pensando, elas precisam se sentir seguras, conhecer a contadora. Observou-se que de início, elas ficam retraídas, mas quando a contadora passa a ser conhecida das crianças, elas se sentem mais seguras para interagir com a história. Com essa idade elas ainda não dominam os códigos da linguagem escrita mas já reconhecem as personagens das histórias e sabem seus nomes. Têm bem definidas as suas preferências; quando gostam da pessoa demonstram bastante afeto, dão beijos e abraços inesperados; se não gostam, dá para perceber, pois reclamam, ficam sérias, ou não prestam atenção e não participam espontaneamente das brincadeiras propostas pela contadora.

No decorrer das apresentações percebeu-se a importância do adulto na mediação da história para as crianças pequenas. Porque sozinhas elas ficam meio perdidas com os livros. Essa presença é sempre necessária seja da professora ou outra pessoa habilitada, pois como são pequenas e não sabem ler, ficam confusas na hora da escolha do livros; as vezes pegam o mesmo livro várias vezes e ficam indecisas. Sendo assim, o adulto serve neste momento para orientar a escolha do livro. Seja lendo um pouquinho da história para ver se a criança se interessa, ou comentando algo que esteja no livro que faça parte do cotidiano da criança como um animal de estimação, uma casa, escola, crianças e ainda algo que lhe chame atenção.

A oportunidade de ter vivenciado essa experiência foi ímpar. Ver a alegria nos olhos das crianças é uma sensação que não dá para descrever em palavras, somente observar, observar e ter a certeza de ter realizado um bom trabalho.

Para concluir, a acadêmica pretende fazer da Hora do Conto um contínuo, inserindo sua programação nas atividades da Biblioteca Pública Municipal Coronel Teixeira de Oliveira, por meio de um projeto que caracterize essa como uma atividade permanente da Biblioteca.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

BARCELLOS, Gladis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bittencourt. **Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CALDIN, Clarice Fortkamp. O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.6, n.1, p. 111-128, jan. 2001. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br> Acesso em: 22 out. 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de idéias, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da literatura da Literatura infantil. **Encontros Bibli: R. Eletr.Ci Inf.**, Florianópolis, n. 15, 1º sem. 2003 Disponível em:<<http://www.encontrosbibli.ufsc.br>> Acesso em 02 de set.2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a Hora do Conto. **Encontros Bibli: R. Eletr. Ci Inf.**, Florianópolis, n.13, maio 2002. Disponível em: <<http://www.encontrosbibli.ufsc.br>>. Acesso em: 29 jun.2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar.**Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.10, n 2, p.1-6,2005. Disponível em:<<http://revista.acbsc.org.br>> Acesso em:10 out.2010.

CARDOSO, Manoel. **Estudos de literatura infantil**. São Paulo: Editora do Brasil, 1991.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 4. ed. São Paulo: Global, 1985.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987 a.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: história, teoria, análise**. São Paulo: Quíron, 1987b.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: história, teoria, análise**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 4.ed.rev. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Donizete. **Ler faz bem à alma**. São Paulo: Butterfly, 2006.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e pratica**. 9. ed. reform. e atual. São Paulo: Ática, 1989.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

FERNANDES, Carlos. **Só biografias**. 2002. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/CharDike.html>>. Acesso em: 20 de out. de 2010

GELDER, Van Dora. **O mundo real das fadas**. São Paulo: Pensamento, 1990.

GILLIG, Jean-Marie. **O conto na psicopedagogia**. São Paulo: Artmed, 1997.

GOTLIB, Nádía Battela. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 1988.

INDICADORES socioeconômicos da cidade de Biguaçu. Disponível em: <<http://www.fundacaobrasil.org.br/biguaçu>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

KHÊDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. São Paulo Ática, 1984.

MEIRELLES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MIRANDA, Jose Fernando. **Estoria infantil em sala de aula: semiótica de personagens**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Literatura para quê?** Letras Contemporâneas, 1996.

PENTEADO, Jose Roberto Whitaker. . **Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto**. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

UNESCO. **Manifesto sobre Bibliotecas Públicas de 1994**. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

SALEM, Nazira. **Historia da literatura infantil**. 2. ed. ampl. reform. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SANDRONI, Laura C. **De Lobato a Bojunga: as renaixões renovadas**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SILVA, Edna Lúcia de; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação**. 3. ed. rev. e atual. Florianópolis: UFSC/PPGEE/LED, 2001.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte da narrar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ZILBERMAN, Regina (Org.) **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. São Paulo: Mercado Aberto, 1983.